



**UFRRJ**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,  
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**IMAGEM CORPORAL DE ADOLESCENTES ESCOLARES COM DEFICIÊNCIA  
VISUAL: FATORES PROTETIVOS RELACIONADOS À MÍDIA**

**IGOR ARAUJO DA SILVA**

*Sob a Orientação da Professora*  
**Fabiane Frota da Rocha Morgado**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ  
Novembro de 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586i Silva, Igor Araujo da, 1996-  
Imagem corporal de adolescentes escolares com  
deficiência visual: fatores protetivos relacionados à  
mídia / Igor Araujo da Silva. - Seropédica; Nova  
Iguaçu, 2023.  
113 f.: il.

Orientadora: Fabiane Frota da Rocha Morgado.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em  
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas  
Populares, 2023.

1. Mídia. 2. Adolescência. 3. Grupo Focal. 4.  
Imagem Corporal. 5. Estudo Qualitativo. I. Morgado,  
Fabiane Frota da Rocha, 1980-, orient. II  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.  
Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos  
Contemporâneos e Demandas Populares III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS  
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES



**TERMO Nº 1274 / 2023 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)**

**Nº do Protocolo: 23083.077593/2023-20**

**Seropédica-RJ, 24 de novembro de 2023.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS  
POPULARES**

**IGOR ARAUJO DA SILVA**

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 09/11/2023

Membros da banca:

FABIANE FROTA DA ROCHA MORGADO. Dra. UFRRJ (Orientadora/Presidente da Banca).

JULIANA FERNANDES FILGUEIRAS MEIRELES. Dra. (Examinadora Externa à Instituição).

RICARDO DE ALMEIDA PIMENTA. Dr. UFSC (Examinador Externo à Instituição).

*(Assinado digitalmente em 29/11/2023 08:51 )*  
FABIANE FROTA DA ROCHA MORGADO  
COORDENADOR CURS/POS-GRADUACAO  
PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)  
Matrícula: 2200105

*(Assinado digitalmente em 05/12/2023 22:40 )*  
RICARDO DE ALMEIDA PIMENTA  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 323.732.208-30

*(Assinado digitalmente em 25/11/2023 12:46 )*  
JULIANA FERNANDES FILGUEIRAS MEIRELES  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 080.197.756-84

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp>  
informando seu número: **1274**, ano: **2023**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **24/11/2023** e o  
código de verificação: **839cc2acca**

## **DEDICATÓRIA**

**Aos meus pais, sem o suporte deles, não  
chegaria até aqui.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me guiado até aqui, me sustentando e dando o equilíbrio necessário.

Pai e mãe, agradeço por sempre apoiarem minhas decisões e por todo o suporte necessário; sem vocês, nada disso seria possível.

Ao meu irmão Iago, por me apoiar, principalmente por não se incomodar em fazer silêncio nos momentos de estudo em casa.

Agradeço imensamente à Professora Fabiane por ter despertado em mim o interesse em fazer pesquisa e lecionar no Ensino Superior; sou grato por todos os ensinamentos e parceria.

Agradeço à professora Juliana Fernandes Filgueiras Meireles e ao professor Ricardo de Almeida Pimenta por aceitarem compor a banca deste trabalho.

Agradeço à CAPES por me possibilitar ser bolsista e me dedicar aos estudos.

Agradeço ao PPGEDUC - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES por me aceitar e permitir aprender com professores incríveis.

Agradeço ao Milton Luiz do CONEP do Pedro II por me auxiliar em relação à Plataforma Brasil.

Agradeço aos professores do Instituto Benjamin Constant: Joyce Miranda, Hessel Lima e Arlindo Fernando Junior.

Agradeço aos alunos que aceitaram participar da pesquisa; sem vocês, chegar aqui não seria possível.

Agradeço aos responsáveis dos alunos por todas as conversas e conselhos ao longo dos dias que passamos juntos. Agradeço ao GEPAC e aos meus colegas de laboratório por toda troca e conversas formais e informais.

## RESUMO

SILVA, Igor Araujo da. **Imagem corporal de adolescentes escolares com deficiência visual: fatores protetivos relacionados à mídia.** 2023. 113p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

Imagem corporal pode ser descrita como a representação do corpo mediante uma idealização da própria pessoa, podendo ser alterada de acordo com as interações e relações com o mundo exterior. A imagem corporal pode ser influenciada pelos pais, pares, mídia e outros fatores. Quando mensagens relacionadas ao corpo originadas pela mídia, que em sua maioria projetam um ideal de corpo perfeito e irrealístico, são assimiladas de forma acrítica, podem desencadear alterações na imagem corporal. Fatores protetivos da imagem corporal referem-se a estratégias que contribuem para uma percepção mais positiva e saudável em relação ao próprio corpo e aparência, atuando de forma preventiva contra a imagem corporal negativa. No entanto, estudos na área ainda são escassos, especialmente, acerca do conhecimento a respeito dos filtros protetivos da imagem corporal de adolescentes com deficiência visual. Sendo assim, o objetivo da presente pesquisa é identificar fatores protetivos associados à imagem corporal de adolescentes escolares com deficiência visual, com foco nas mensagens midiáticas de corpo. A presente pesquisa se caracteriza por um estudo transversal, descritivo, de caráter qualitativo. Para a coleta de dados, foi utilizada a técnica de grupo focal e participaram deste estudo 15 alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental com deficiência visual autorreportada. Foi utilizado um guia do moderador, com o roteiro da dinâmica e perguntas. Nesse guia, constaram questões sobre mídia, imagem corporal e fatores protetivos. A análise de dados foi realizada através de conteúdo categorial, a partir de três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. A partir da análise de conteúdo das reuniões de grupos focais realizadas, quatro categorias foram elaboradas: (1) Fatores protetivos e mensagens midiáticas; (2) Mídia e Imagem Corporal; (3) Evocações sobre o corpo: Conceitos e Valores; (4) Educação Física Escolar. Como forma de se proteger das mensagens midiáticas de corpo, discentes participantes deste estudo relataram enfatizar pensamentos positivos acerca de si mesmos, valorizando suas capacidades e potencialidades. O fortalecimento dos filtros cognitivos protege os indivíduos contra a influência de padrões midiáticos de corpo, resguardando alterações negativas nos sentimentos relacionados à aparência, além de atuar de forma preventiva

no desenvolvimento da insatisfação corporal, contribuindo ainda para uma maior apreciação corporal. Sendo assim, é fundamental considerar essa questão em estratégias didáticas e pedagógicas no contexto educacional, particularmente, nas aulas de Educação Física Escolar, visto que a Educação Física é o principal componente curricular que lida com o corpo e suas potencialidades.

.

**Palavras-chave:** Mídia. Adolescência. Grupo Focal. Imagem Corporal. Estudo Qualitativo.

## ABSTRACT

SILVA, Igor Araujo da. **Body image of visually impaired school adolescents: protective factors related to media.** 2023. 113p. Dissertation (Master in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

Body image can be described as the representation of one's own body through an idealization of oneself, and it can be altered based on interactions and relationships with the external world. Body image can be influenced by parents, peers, media, and other factors. When body-related messages from the media, which often project an idealized and unrealistic body image, are uncritically assimilated, they can trigger changes in body image. Protective factors for body image refer to strategies that contribute to a more positive and healthy perception of one's own body and appearance, acting preventively against negative body image. However, studies in this area are still scarce, especially regarding knowledge about protective factors for body image in adolescents with visual impairments. Therefore, the aim of this current research is to identify protective factors associated with body image in school-going adolescents with visual impairments, with a focus on media messages about the body. This research is characterized by a cross-sectional, descriptive, qualitative study. For data collection, the focus group technique was used, and 15 students from the second segment of Elementary School with self-reported visual impairments participated in this study. A moderator's guide with the dynamics and questions was used. This guide included questions about media, body image, and protective factors. Data analysis was conducted using categorical content analysis, consisting of three stages: pre-analysis, material exploration, and results treatment. From the content analysis of the focus group meetings, four categories were developed: (1) Protective Factors and Media Messages; (2) Media and Body Image; (3) Body Evocations: Concepts and Values; (4) School Physical Education. As a way to protect themselves from media messages about the body, the participating students emphasized positive thoughts about themselves, valuing their abilities and potentialities. Strengthening cognitive filters protects individuals against the influence of media body standards, safeguarding negative changes in feelings related to appearance, and also acting preventively in the development of body dissatisfaction, contributing to a greater appreciation of the body. Therefore, it is essential to consider this issue in didactic and



pedagogical strategies in the educational context, particularly in School Physical Education classes, as Physical Education is the primary curricular component that deals with the body and its potentialities.

**Keywords:** Media. Adolescence. Focus Group. Body Image. Qualitative Study.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
IBC	Instituto Benjamin Constant
LBI	Lei Brasileira de Inclusão
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
WHO	<i>World Health Organization</i>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapeamento da distância entre a residência dos alunos até a instituição de ensino

Figura 2 - Nuvem de palavras atribuídas pelo G1 para o significado de mídia

Figura 3 - Nuvem de palavras atribuídas pelo G2 para o significado de mídia

Figura 4 - Nuvem de palavras atribuídas pelo G3 para o significado de mídia

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Caracterização amostral dos participantes da pesquisa

Tabela 2 - Dispositivos eletrônicos são mais utilizados entre os alunos

Tabela 3 - Atividades online

Tabela 4 - Motivos para a presença nas aulas de Educação Física

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fatores protetivos da Imagem Corporal

Quadro 2 – Conceitos sobre o corpo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2 OBJETIVOS .....</b>	<b>21</b>
2.1 Objetivo Geral.....	21
2.2 Objetivos Específicos .....	21
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>22</b>
<b>3.1 Contextualização da Imagem Corporal .....</b>	<b>22</b>
3.1.1 Perspectiva sociocultural da imagem corporal.....	24
3.1.2 Fatores protetivos da imagem corporal.....	27
3.1.3 O fator protetivo <i>media literacy</i> como uma estratégia relacionada à imagem corporal ..	29
<b>3.2 Adolescência: Um Período de Mudanças.....</b>	<b>32</b>
<b>3.3 Definições sobre Deficiência e Deficiência Visual.....</b>	<b>35</b>
<b>3.4 Imagem Corporal de Adolescentes com Deficiência Visual .....</b>	<b>36</b>
<b>3.5 Considerações sobre Educação Física Escolar no Contexto da Imagem Corporal ...</b>	<b>38</b>
<b>4 MÉTODO.....</b>	<b>43</b>
4.1 Modelo de Estudo .....	43
4.2 Grupos Focais.....	43
4.3 Aspectos Éticos .....	45
4.4 Participantes.....	45
4.5 Critérios de Inclusão .....	46
4.6 Critérios de Exclusão .....	46
4.7 Instrumentos.....	46
<b>5 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS .....</b>	<b>48</b>
<b>6 ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>50</b>
<b>7 RESULTADOS .....</b>	<b>51</b>
<b>8 DISCUSSÃO .....</b>	<b>57</b>
8.1 Categoria 1 - Fatores protetivos e mensagens midiáticas.....	61
8.2 Categoria 2 – Mídia e imagem Corporal .....	65
8.3 Categoria 3 – Evocações sobre o corpo: Conceitos e Valores.....	69
8.3.1 Aspectos físicos do corpo .....	69
8.3.2 Atitudes em relação ao corpo .....	70
8.3.3 Aspectos cognitivos relacionados ao corpo .....	72
8.4 Categoria 4 – Educação Física e mídia .....	73
<b>9 LIMITAÇÕES .....</b>	<b>76</b>
<b>10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>77</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>79</b>

<b>APÊNDICES .....</b>	<b>103</b>
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	103
Apêndice B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).....	105
Apêndice C – GUIA DO MODERADOR .....	107
Apêndice D – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO.....	110
<b>ANEXOS .....</b>	<b>111</b>
Anexo A – Protocolo do Comitê de Ética.....	111
Anexo B – Permissão para pesquisa na instituição.....	113

## 1 INTRODUÇÃO

O termo "deficiência", por muito tempo, esteve inserido na concepção da medicina, sendo diretamente relacionado com doenças (FONSECA, 2012). Devido a esse modelo médico, houve resistência, por longos períodos, por parte da sociedade em incluir pessoas com deficiências na sociedade. Essa resistência impossibilitava o desenvolvimento do indivíduo como cidadão, e essa exclusão ocorria de forma integral, caracterizando as pessoas como incapazes (SASSAKI, 1997).

Para além do modelo médico da deficiência, uma concepção mais abrangente foi adotada pelo Brasil após a finalização do texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, proposta pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2006). A compreensão da deficiência passou a estar mais inserida no contexto dos direitos humanos e do desenvolvimento social. Assim, o indivíduo é considerado o centro de suas próprias ações, sendo visto primeiramente como pessoa, à frente de sua deficiência (MARTINS, 2008).

De acordo com a Convenção sobre os direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), é considerada pessoa com deficiência aquela que possui alguma condição que cause um impedimento de longo prazo, seja ele físico, mental, intelectual ou sensorial. Quando interagem com várias barreiras, esses impedimentos podem potencialmente limitar a participação plena e efetiva do indivíduo na sociedade, em condições de igualdade com outras pessoas. Dentro da deficiência sensorial, inclui-se a deficiência visual, que pode ser caracterizada como alterações no sistema visual que resultam em baixa visão ou cegueira (BOURNE *et al.*, 2017).

Ao considerar os aspectos singulares que acometem os sujeitos no âmbito da deficiência visual, cumpre destacar que a manifestação deste tipo de deficiência acontece com cada sujeito ou grupos de sujeitos de maneiras diferenciadas (INTERDONATO; GREGUOL, 2009). De acordo com Soares *et al.* (2012), pessoas com deficiência visual, por exemplo, podem ser influenciadas em seus comportamentos e relação com o próprio corpo por fatores intrínsecos, tais como pensamentos e percepções acerca de si mesmos. Além disso, podem ser influenciadas também por fatores extrínsecos, tais como comentários e expectativas dos pares, família e a presença nos ambientes em que estão inseridos, principalmente levando em consideração os seus aspectos psicossociais,



especialmente na fase da adolescência (TAVARES, 2003; INTERDONATO; GREGUOL, 2009; QUINTANILHA *et al.*, 2021).

A adolescência é o período da vida repleto de mudanças, em que o indivíduo se desenvolve cognitivamente e fisicamente, além da influência do âmbito psicossocial (SENNA; DESSEN, 2012). Durante esta fase, ocorre o fenômeno intitulado puberdade, desencadeado por alterações hormonais e corporais, como o estirão de crescimento e a maturação sexual (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013; ALVARES *et al.*, 2020). As alterações corporais e psicossociais que ocorrem nesse período podem refletir de forma direta em um aspecto central do desenvolvimento, intitulado de imagem corporal (MOSTAFA *et al.*, 2018).

De acordo com Tavares (2003), a imagem corporal pode ser descrita como a representação do corpo mediante uma idealização da própria pessoa, podendo ser alterada de acordo com as interações e relações com o mundo exterior. É um processo que nunca cessa, baseado, então, na existência pessoal do indivíduo. Ainda segundo Tavares (2003), a imagem corporal é essencial e desenvolvida em contato com o cotidiano e a vivência individual.

A imagem corporal pode ser positiva ou negativa. Quando positiva, está relacionada com a aceitação e o respeito pela aparência corporal, ou seja, ao afeto e admiração pelo próprio corpo (TYLKA, 2012). Já quando negativa, a imagem corporal geralmente está associada ao desgosto pelo próprio corpo, onde há preocupação excessiva com a aparência, ocasionando insatisfação corporal, podendo promover fatores de risco, como ansiedade, transtornos alimentares, depressão, entre tantos outros (TYLKA, 2012; GATTARIO; FRISÉN, 2019).

De acordo com Chae (2022), indivíduos na fase da adolescência podem ser caracterizados como um grupo suscetível a riscos, devido às alterações da imagem corporal, principalmente por não saberem lidar com a série de mudanças que estão ocorrendo no próprio corpo. Segundo Haegle e Zhu (2018), adolescentes com deficiência, sobretudo a deficiência visual, podem se sentir ainda mais insatisfeitos com sua aparência, devido à ausência ou redução do sentido visual, podendo ocasionar sentimentos de exclusão da esfera social (MORGADO *et al.*, 2019; ANDERSON; WARREN; MISAJON, 2020).

Considerando tal problemática, cumpre-se aproximar da Teoria Sociocultural da imagem corporal, que é caracterizada pelos fatores socioculturais: pais, pares, mídias e outros, que influenciam de forma direta a imagem corporal (THOMPSON *et al.*, 1999; SCHAEFER *et al.*, 2021). Dentre esses fatores, a mídia pode ser compreendida como a disseminação de mensagens expressadas por formas de linguagens diversificadas, como, por exemplo, sons, imagens, textos, gráficos, entre outros (SANTOS, 2009). Se assimilada de forma acrítica, pode potencializar uma multiplicidade de problemas relacionados à imagem corporal (ANDERSEN; SWAMI, 2021).

Quando as mensagens expressadas pela mídia são relacionadas a um determinado modelo ou padrão corporal, que geralmente valoriza um corpo branco, esbelto, alto e magro (no caso de mulheres) ou musculoso (no caso de homens), pode ocorrer a internalização dos ideais corporais, o que irá contribuir para o quadro de imagem corporal negativa (THOMPSON; STICE, 2001). Como internalização dos ideais de beleza, entende-se o desejo de alcançar um determinado padrão de aparência, resultando na insatisfação e tentativa de moldar o corpo, focando em tendências corporais, sendo ocasionada principalmente por pressões sociais (FORTES *et al.*, 2015).

Outro conceito fundamental nesse contexto é a comparação social, na medida em que a internalização ocorre na comparação com o corpo do outro. Como comparação social, entende-se a comparação das características e capacidades com os pares, envolvendo um julgamento de valor em que o indivíduo pode se menosprezar ao refletir sobre as informações das outras pessoas, como, por exemplo, aparência e habilidades (FESTINGER, 1954).

Internalização e comparação social são problemáticas de tamanha relevância na adolescência, visto que, neste período, há a probabilidade do indivíduo se preocupar excessivamente com sua aparência (ROBERTS *et al.*, 2022). Receber mensagens relacionadas ao corpo expressadas pela mídia de forma exacerbada, sem que ocorra algum tipo de filtro cognitivo de proteção (EVENS; STUTTERHEIM; ALLEVA, 2021), pode ocasionar a internalização de padrões corporais. Sendo assim, é necessário que ocorra a elaboração de mecanismos para diminuir os efeitos das mensagens midiáticas relacionadas ao corpo no indivíduo.

É nesse contexto que destacamos os fatores protetivos para o desenvolvimento da imagem corporal integrada e positiva. Esses fatores protetivos viabilizam que as

mensagens oriundas das mídias sejam moderadas e mediadas por meio de adaptações que o indivíduo pode fazer em relação a suas ações e hábitos, sendo um fator positivo para o desenvolvimento da imagem corporal (ZUCHELLI *et al.*, 2020).

A *media literacy* é um fator protetivo da imagem corporal que surge como uma importante estratégia para o acesso, análise e entendimento das mensagens originadas pela mídia, sendo utilizada em contextos educacionais, oportunizando educar os adolescentes a assimilar criticamente os conteúdos disponibilizados pelas mídias (ROUSSEAU, 2021; VENDEMIA; DEANDREA; BRATHWAITE, 2021). Os programas e estratégias baseadas em "*media literacy*" transformam atitudes relacionadas aos ideais de beleza, reduzindo, então, o desejo de alcançar um padrão corporal de beleza irreal, colaborando com a manutenção da imagem corporal positiva (ESPINOZA; PENELO; RAICH, 2013).

Ministrar conteúdos relacionados à criticidade das mídias é fundamental, principalmente no componente curricular Educação Física Escolar, onde o corpo e o movimento são objetos de estudo e ação pedagógica (KERNER; HAERENS; KIRK, 2018). Abordar tais temáticas sobre "*media literacy*" e imagem corporal durante as aulas pode viabilizar a autonomia crítica aos indivíduos, além de conceituar questões de beleza, funcionalidade corporal e gratidão com o próprio corpo, principalmente no que diz respeito a adolescentes com deficiência visual (DE ARAÚJO *et al.*, 2021; DE SOUSA; BORGES, 2018; MORGADO *et al.*, 2019).

Compreender as mensagens das mídias na perspectiva de adolescentes do Ensino Médio com deficiência visual pode resultar na criação de fatores protetivos dessas mensagens, estabelecendo, assim, uma forma para reduzir o impacto na imagem corporal desses jovens. Andrew, Tiggemann e Clark (2015) citam que esses filtros protetivos permitem que mensagens negativas em relação ao próprio corpo e aparência sejam desconsideradas, enquanto as mensagens positivas possam ser aceitas com mais facilidade.

Adolescentes estão constantemente consumindo os conteúdos midiáticos, seja pela mídia tradicional ou pela mídia social, e ambas podem influenciar a imagem corporal por meio de mensagens de aparências irreais (PRIMACK *et al.*, 2006). Desenvolver efeitos protetivos está correlacionado à compreensão das mensagens midiáticas, observando-se, principalmente, três pontos: quem cria, para quem é direcionado o

conteúdo disponibilizado, a forma que esses conteúdos interferem em atitudes e comportamentos – dentre eles, a imagem corporal – e a forma que a mensagem coincide com a realidade (PAXTON; MCLEAN; RODGERS, 2022).

Sendo assim, torna-se essencial compreender a relevância dos fatores protetivos do desenvolvimento da imagem corporal em relação à mídia por alunos(as) com deficiência visual. Há uma escassez na literatura de estudos que abordem a temática da mídia, deficiência visual e imagem corporal (SILVA; MORGADO, 2023). Compreender essas questões para esse público-alvo é essencial, de modo a ampliar o conhecimento na área e contribuir para a promoção da satisfação corporal e manutenção da imagem corporal de forma mais positiva, principalmente durante as aulas de Educação Física Escolar, visto que a Educação Física é o principal componente curricular que lida com o corpo e suas potencialidades.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Identificar fatores protetivos associados à imagem corporal de adolescentes escolares com deficiência visual, com foco nas mensagens midiáticas de corpo.

### **2.2 Objetivos Específicos**

Refletir sobre as impedências devido à urbanização para as pessoas com deficiência visual no trajeto residência e instituição de ensino;

Identificar quais os dispositivos eletrônicos os alunos mais utilizam para acessar às mídias digitais;

Identificar o que os alunos gostam de fazer quando estão conectados na internet;

Conhecer o significado das palavras corpo e mídia pelos participantes;

Observar a relação da Educação Física Escolar e a imagem corporal.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

Neste ponto, serão apresentados os principais constructos que compõem a temática desta dissertação, divididos em cinco subcapítulos: Contextualização da Imagem Corporal; Adolescência: Um Período de Mudanças; Definições sobre Deficiência e Deficiência Visual; Imagem Corporal de Adolescentes com Deficiência Visual; Considerações sobre Educação Física Escolar no Contexto da Imagem Corporal.

#### **3.1 Contextualização da Imagem Corporal**

De acordo com Tavares (2003), a imagem corporal pode ser descrita como a representação mental do corpo mediante uma idealização da própria pessoa, podendo ser alterada de acordo com as interações e relações com o mundo exterior. É um processo que nunca cessa, baseado na existência pessoal do indivíduo.

Para Schilder (1999), a imagem corporal é entendida como a forma do corpo representada em nossa mente. Para o autor, a imagem corporal está interligada com o modo que a pessoa percebe a sua corporeidade e é constituída em diferentes aspectos: o aspecto físico, baseado no próprio corpo do indivíduo; o aspecto mental, relacionado aos pensamentos sobre o corpo; e o aspecto emocional, baseado em como o impacto da imagem corporal reflete no emocional do indivíduo. Dessa forma, a imagem corporal pode ser compreendida não só a partir da concepção cognitiva, mas também a representação de vontades, interesses, emoções, interações com os pares, entre outros (CASH; SMOLAK, 2011).

A imagem corporal pode ser positiva quando se caracteriza por uma aceitação e apreciação do próprio corpo (HALLIWELL, 2015). Indivíduos que detêm uma imagem corporal positiva podem demonstrar mais resiliência às pressões socioculturais relacionadas à aparência, reconhecendo a multiplicidade de corpos e valorizando as características e capacidades únicas que cada um apresenta (TIGGEMANN; HAGE, 2019). A experiência com o próprio corpo vai além da satisfação com a aparência, envolvendo sentimentos de competência, reconhecimento da funcionalidade e potência, gerando uma relação harmoniosa com o corpo (TIGGEMANN; HAGE, 2019; HALLIWELL, 2015).

Em contrapartida, a imagem corporal pode ser negativa quando se refere a uma insatisfação ou preocupação excessiva com o próprio corpo e aparência (SWAMI; HORNE; FURNHAM, 2021). Pode-se manifestar em formas de autocríticas relacionadas ao corpo, distorção perceptiva e, em casos mais graves, desencadear distúrbios alimentares ou outros problemas psicológicos (GATTARIO; FRISÉN, 2019). A prevalência de uma imagem corporal negativa tem sido associada à exposição contínua a ideais de beleza inatingíveis difundidos pela mídia, comparações sociais desfavoráveis e comentários negativos sobre o corpo (SHEN *et al.*, 2022; ALLEVA *et al.*, 2023).

Em complemento, Cash e Pruzinsky (2002) propõem duas formas para entender a imagem corporal: a dimensão perceptiva e a dimensão atitudinal. A dimensão perceptiva é retratada como a forma que o corpo, em sua totalidade, é percebido pelo indivíduo. Quando essa dimensão está comprometida, pode ocasionar distorção da imagem corporal, sendo um sintoma multidimensional que abrange componentes essenciais da imagem corporal, como a identificação corporal, pensamentos em relação ao corpo e comparação das proporções corporais com os pares. Ou seja, pode levar o indivíduo a apresentar uma percepção errônea do que seria o seu próprio corpo, resultando na perturbação da imagem corporal (TAVARES *et al.*, 2010; HOSSEINI; PADHY, 2022).

A dimensão atitudinal é caracterizada de três formas, sendo respectivas aos componentes: comportamento, cognição e emoções do indivíduo em relação ao seu corpo e suas características (TAVARES *et al.*, 2010). No que se refere ao comportamento, como aspecto positivo, pode-se considerar que estar atento aos comportamentos e realizar mudanças, quando necessárias, torna-se benéfico para a manutenção da imagem corporal (GATTARIO; FRISÉN, 2019). Já no que se refere às cognições, a adoção de pensamentos positivos, dando ênfase, principalmente, nas capacidades e possibilidades do corpo para além da aparência física é fundamental (EVENS; STUTTERHEIM; ALLEVA, 2021). O componente relacionado às emoções refere-se ao afeto com o próprio corpo e como essas emoções, quando associadas à aparência, podem gerar aceitação e satisfação do próprio corpo e imagem corporal (EDWARDS *et al.*, 2016; CORNELISSEN *et al.*, 2019).

Compreender que o estudo da imagem corporal é articulado nas dimensões perceptiva e atitudinal promove o entendimento mais consistente sobre a temática, sobretudo na avaliação e adoção de medidas preventivas, visto que as conexões entre essas dimensões podem se autoinfluenciar (CASH; PRUZINSKY, 2002; CORNELISSEN *et al.*, 2019). Para avaliar a dimensão perceptiva, que trata da percepção

do indivíduo sobre o seu corpo, são utilizados procedimentos que distorcem o tamanho das dimensões corporais, como manipulação de imagens, entre outros artifícios, para averiguar como o indivíduo se percebe (TAVARES *et al.*, 2010). A avaliação da dimensão atitudinal, na qual é possível investigar os comportamentos, a afetividade e as cognições do sujeito em relação ao seu corpo, pode ser feita por meio de questionários, entrevistas e escalas (BATISTA *et al.*, 2015).

Nesse sentido, a literatura fornece uma visão crítica e abrangente sobre os estudos relacionados à imagem corporal, abordando as preocupações com a imagem corporal negativa, suas consequências e seus fatores de risco, e a manutenção da imagem corporal positiva (GUEST *et al.*, 2022; KERNER *et al.*, 2022; NOWICKI *et al.*, 2022). Segundo Neves, Morgado e Tavares (2015), pesquisas relacionadas com o âmbito da imagem corporal podem ser baseadas na compreensão de diferentes perspectivas, entre elas, a perspectiva cognitiva-comportamental, perspectiva cognitiva, perspectiva psicodinâmica, perspectiva neurológica, perspectiva evolucionista e perspectiva feminista. Além dessas perspectivas, há a perspectiva sociocultural da imagem corporal proposta por Thompson, Covert e Stormer (1999), que é relevante para o presente estudo por compor seu principal suporte teórico, e, por esta razão, será apresentada especificamente no tópico abaixo.

### 3.1.1 Perspectiva sociocultural da imagem corporal

Em termos socioculturais, a perspectiva sociocultural da imagem corporal é fundamental, pois busca compreender como os preceitos sociais podem influenciar o indivíduo tanto em seus comportamentos quanto em seus valores. Thompson, Covert e Stormer (1999) desenvolveram o *Tripartite Influence Model*, com o objetivo de elucidar influências socioculturais que resultam em alterações da imagem corporal. Esse modelo ressalta que os indivíduos recebem influência dos pais, pares, mídia e mais recentemente os outros (SCHAEFER *et al.*, 2021) na adoção de ideais de aparência que podem ser irreais.

De acordo com Thompson *et al.* (1999), é essencial compreender a relevância da influência dos agentes sociais, como pais, pares e mídia, na imagem corporal por meio de duas vertentes principais: a comparação corporal e a internalização do ideal de magreza (DE CARVALHO; AMARAL; FERREIRA, 2009). Atuando de forma conjunta, estas podem contribuir para o quadro de imagem corporal negativa, considerada um desgosto profundo com o próprio corpo ou a própria aparência corporal (MORGADO; CAMPANA; TAVARES, 2014).



A comparação social ocorre quando se verifica semelhanças e divergências das características e capacidades em relação aos pares, envolvendo um julgamento de valor em que o indivíduo pode se menosprezar ao refletir sobre as informações e habilidades das outras pessoas. No âmbito da imagem corporal, ocorre principalmente a comparação da aparência, podendo surgir de forma proximal, por meio dos pais e pares, e também de forma distal, pela influência das mensagens propagadas pela mídia em relação aos padrões corporais (FESTINGER, 1954; BETZ; SABIK; RAMSEY, 2019).

Taylor (2020) menciona que a comparação social pode ser manifestada de duas formas: a comparação social ascendente e a descendente. Ocorre de forma ascendente quando o indivíduo acredita que o outro possui características vistas como superiores, ou seja, uma melhor aparência ou uma habilidade superior em determinada tarefa. A descendente é o oposto, ocorrendo quando se acredita que o outro possui aparência e características consideradas inferiores (PARK; BAEK, 2018).

Pesquisas sobre a comparação social da imagem corporal sugerem que tanto adultos quanto adolescentes tendem a comparar seus corpos constantemente de forma ascendente e proximal com os pares no contexto social (SHROFF; THOMPSON, 2006). Essas comparações geram resultados negativos em relação à imagem corporal e podem levar o indivíduo a vivenciar insatisfação corporal, sendo esse fenômeno mais evidente em pessoas do sexo feminino (BARNHART *et al.*, 2022).

Considerando a comparação social de forma proximal, Schaefer e Salafia (2014) explicam que as mensagens provenientes da família, principalmente dos pais, podem ser prejudiciais quando direcionadas às características pessoais relacionadas à aparência. Isso é especialmente relevante durante a adolescência, período em que tais mensagens podem gerar preocupações excessivas com a imagem corporal e reforçar valores sociais irrealistas sobre aparência. Este comportamento dos pais é motivado pela insatisfação com seus próprios corpos. Em famílias com mais de um filho, o comportamento dos pais pode influenciar a relação entre os irmãos, levando-os a reproduzir atitudes pejorativas e provocações, intensificando a sensação de comparação social relacionada à aparência (KEERY *et al.*, 2005).

Em relação à comparação social de aparência de forma distal, Mann e Blumberg (2022) salientam que as oportunidades para essa comparação cresceram com o advento das redes sociais. Os usuários podem postar, visualizar e interagir com informações de

outras pessoas, resultando em avaliações de aparência e comparações com as mensagens apresentadas nas telas. Essas comparações online têm o potencial de afetar a vida real, dada a capacidade que o indivíduo possui de selecionar imagens que podem influenciar positiva ou negativamente sua satisfação corporal, podendo até mesmo internalizar padrões irreais de beleza (JUNG *et al.*, 2022).

Entende-se por internalização de padrões irreais de beleza a idealização de um determinado padrão corporal, no qual somente esse padrão é considerado belo ou bonito. Assim, o indivíduo pode vir a ter um desejo exagerado de alcançar a aparência internalizada (CARTER; VARTANIAN, 2022; ROBERTS *et al.*, 2022). À medida que os indivíduos internalizam tais padrões, podem perceber desproporções corporais em si mesmos, desencadeando uma avaliação negativa do próprio corpo, refletida em sua satisfação com a aparência e imagem corporal (FORD *et al.*, 2002; ULLRICH-FRENCH; COX, 2022).

Estudos prévios relacionados a essa temática (FRANKO *et al.*, 2015; HOFFMANN; WARSCHBURGER, 2019) evidenciam que a internalização dos padrões irreais de beleza funciona como um mediador entre as mensagens socioculturais relacionadas à aparência e à imagem corporal. Tais mensagens atingem adolescentes e adultos de ambos os sexos, sendo a internalização de um corpo mais musculoso predominante em homens e de um corpo mais magro em mulheres.

Myers *et al.* (2012) mencionam que os comportamentos de internalização são preocupantes, pois os indivíduos assimilam um determinado padrão corporal a seus valores e princípios, alterando sua própria visão de mundo. Assim, as ideias internalizadas tornam-se os princípios orientadores de sua vida.

No que se refere ao corpo, principalmente durante a adolescência, os indivíduos tendem a se preocupar excessivamente sobre como a sociedade percebe seu físico e aparência (ROBERTS *et al.*, 2022). A comparação exagerada com o outro, aliada à internalização da beleza dos corpos e às mensagens expostas na mídia, pode contribuir para problemáticas relacionadas à imagem corporal e gerar um elevado nível de ansiedade físico-social no indivíduo (MCCREARY; SAUCIER, 2009; NEVES *et al.*, 2018).

Mccreary e Saucier (2009) apontam que a ansiedade físico-social decorre do desconforto das pessoas em relação aos seus corpos, temendo uma avaliação negativa e a depreciação de sua aparência por parte dos pares. Estudos prévios (HAWES; ZIMMER-

GEMBECK; CAMPBELL, 2020; ZELIHIĆ *et al.*, 2022) enfatizam que, além dos pares, a mídia é um componente crucial a ser considerado no contexto da ansiedade físico-social devido à interação e avaliação constantes por meio de fotos e postagens.

Em paralelo à ansiedade físico-social, outros aspectos da imagem corporal negativa também podem ser intensificados quando ocorrem a comparação social e a internalização. Entre eles, destaca-se a insatisfação corporal, expressa pelo desejo de ter um corpo diferente do que se possui (KARAZSIA; MURNEN; TYLKA, 2017); comportamentos de evitação da exposição do corpo, evidentes em situações sociais e na escolha de determinadas roupas para uso público (CAMPANA; TAVARES; GARCIA JÚNIOR, 2012); checagem corporal recorrente por meio de pesagem e avaliações obsessivas do corpo (CARVALHO *et al.*, 2013); e preocupação exagerada com o próprio corpo, entre outros aspectos. É neste contexto que o estudo sobre os fatores protetivos da imagem corporal se torna relevante diante das problemáticas associadas à imagem corporal.

### 3.1.2 Fatores protetivos da imagem corporal

Para compreendermos os fatores protetivos da imagem corporal, devemos nos atentar ao conceito da psicologia positiva. A psicologia positiva é um campo de estudo na área da Psicologia que surge com o intuito de estudar os aspectos positivos presentes no ser humano. Essa teoria é baseada em três pilares fundamentais, sendo eles: a emoção positiva, abordando sentimentos de felicidade, alegria e satisfação; qualidades positivas, englobando as capacidades e habilidades do indivíduo; e as instituições positivas, referentes ao ambiente e cotidiano em que o indivíduo está inserido, como o local em que reside, a democracia e a família (CSIKSZENTMIHALYI; SELIGMAN, 2000).

Csikszentmihalyi (2009) salienta que a psicologia positiva como estudo científico aborda os processos e fatores que otimizam a manutenção de emoções positivas do ser humano, ou seja, valoriza as qualidades e potencialidades, solidificando pensamentos positivos e a autoapreciação, em vez de tentar reparar aspectos ruins da vida. Esta corrente da psicologia chama atenção para o caráter preventivo, em que os indivíduos aprendem a valorizar e desenvolver suas qualidades, prevenindo que os aspectos negativos se amplifiquem (SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2010).

No âmbito da imagem corporal, Tylka e Homan (2015) ressaltam que a psicologia positiva caminha em conjunto com a perspectiva da imagem corporal positiva, focalizando em estratégias de valorização da imagem corporal, ou seja, apreciação do próprio corpo, da beleza, abrangendo as possibilidades e o que é desejável e possível para o corpo desempenhar. Um dos principais meios que contribuem para a valorização das características favoráveis do corpo, minimizando suas limitações, são os filtros cognitivos.

Deste modo, Wood-Barcalow, Tylka e Augustus-Horvath (2010) conceituam os filtros cognitivos como um esquema de pensamentos que permite que as informações negativas relacionadas ao corpo sejam ignoradas, dando espaço para que as informações positivas sejam aceitas por meio dos pensamentos e sentimentos.

Evens, Stutterheim e Alleva (2021) explicitam que indivíduos com uma imagem corporal positiva possuem maior facilidade em ativar os filtros protetivos, de modo a possuir uma maneira distinta e protetora de processar mensagens negativas relacionadas à aparência, e esse processo, quando está internalizado no indivíduo, se torna contínuo e consciente.

Essas mensagens negativas são recebidas por diferentes fontes, incluindo familiares, pares e a mídia de massa e social. Devido à variedade dessas mensagens, somente os filtros cognitivos podem não ser suficientes para amenizar o efeito negativo dessas mensagens. Deste modo, surge, então, outro conceito relevante como fator protetivo da imagem corporal, que também pode ser entendido como amortecedores sociais.

Os amortecedores sociais relacionados à imagem corporal tratam-se de formas de enfrentamento para combater implicações na imagem corporal e seus correlatos, por meio do apoio e de atividades envolvidas com a sociabilidade de pessoas (KIYOKAWA; KAWAI; TAKEUCHI, 2018).

Deste modo, Rukavina e Li (2008) enfatizam que a atividade física e atividades em grupo, com os pares e a família, promovem efeitos positivos psicológicos e emocionais para o indivíduo, reforçando seus filtros cognitivos, principalmente durante a adolescência, em que o indivíduo lida com as mudanças corporais e sociais.

Promover o entendimento dos filtros protetivos para a imagem corporal durante a adolescência pode contribuir para que os indivíduos se tornem adultos mais satisfeitos em relação à sua imagem corporal. Durante a adolescência, três fatores podem contribuir para a eficácia de uma imagem corporal positiva, dentre eles: fazer parte de um novo contexto social, que gera sensação de pertencimento; o fortalecimento dos filtros cognitivos para a melhora da imagem corporal; e o desenvolvimento de um senso de empoderamento e utilidade. Com isso, nota-se que, quando os filtros cognitivos atuam em conjunto com os amortecedores sociais, promovem o desenvolvimento e a manutenção mais eficazes da imagem corporal durante a adolescência (GATTARIO; FRISÉN, 2019).

Desse modo, os filtros protetivos da imagem corporal, englobando tanto os filtros cognitivos quanto os amortecedores sociais, são estratégias ativas contínuas e conscientes, sendo resultado de um esforço de longo prazo, ou seja, quanto antes esses filtros começarem a ser desenvolvidos, mais fortes serão ao longo do tempo em relação aos fatores relacionados à aparência (EVENS; STUTTERHEIM; ALLEVA, 2021). Entre esses fatores protetivos da imagem corporal, a literatura propõe a *media literacy* com foco nas mensagens midiáticas de corpo.

### 3.1.3 O fator protetivo *media literacy* como uma estratégia relacionada à imagem corporal

De acordo com Santaella e Nöth (2020), as diferentes mensagens das mídias relacionadas às mudanças da sociedade acontecem desde o início do século XX, caracterizando uma evolução na transmissão dessas mensagens a partir de discursos visuais e auditivos. Destaca-se que o consumo das mídias pode ocorrer de formas distintas, seja de modo passivo, através de TV, filmes, imagens, ou seja, a mídia tradicional, seja pelo modo ativo, através do uso das mídias sociais e internet, na qual os usuários são agentes que consomem, compartilham e criam conteúdos, potencializando a interação e autodivulgação da imagem através de fotos e vídeos, de modo que a aparência se torna o foco central (PERLOFF, 2014).

As mensagens provenientes das mídias podem acentuar o desejo de se alcançar um corpo ideal, sendo que esses corpos midiáticos são, muitas vezes, divulgados de forma semelhante a uma vitrine, não correspondendo à imagem real do corpo (DE LIMA; DA

SILVA, 2021). A influência da mídia tem sido relacionada, principalmente, com os consumos de programas de TV, internet e redes sociais, e instituem influências que fazem parecer que aquele padrão corporal exposto pode ser alcançado com facilidade, ressaltando, então, a imagem corporal negativa, comportamentos de comparação social e internalização de padrões corporais irreais (ROUSSEAU; EGGERMONT, 2018; JUNG *et al.*, 2022; JARMAN *et al.*, 2021).

Torna-se necessária a adoção de estratégias para que as mensagens vindas das mídias não sejam ainda mais prejudiciais para o indivíduo e sua imagem corporal. A literatura propõe que uma estratégia eficaz para filtrar as mensagens da mídia em relação à imagem corporal seja a *media Literacy* (YAGER *et al.*, 2013; ESPINOZA; PENELO; RAICH, 2013; MCLEAN; PAXTON; WERTHEIM, 2016; PAXTON; MCLEAN; RODGERS, 2022).

A abordagem de *media literacy* tem como foco a capacidade de o indivíduo processar de forma crítica as mensagens oriundas da mídia, com habilidade para discernir mensagens, fotos, notícias, símbolos, compreendendo a real função por trás dessas mensagens na sociedade (KOLTAY, 2011). Com o desenvolvimento das mídias, a propagação de mensagens midiáticas ocorre de forma cada vez mais intensa, deste modo, a *media literacy* torna-se essencial para ofertar condições de filtrar as mensagens relacionadas ao corpo, principalmente para crianças e adolescentes, auxiliando no reconhecimento de mensagens que podem ser prejudiciais, além de oferecer ferramentas necessárias para abrandar o impacto dessas mensagens (JEONG; CHO; HWANG, 2012; VAHEDI; SIBALIS; SUTHERLAND, 2018).

De acordo com Potter (2022), o termo *media literacy* é utilizado com frequência na literatura por diversos autores e em diferentes áreas do conhecimento. A utilização frequente do termo potencializa um conceito compartilhado de ideias, podendo gerar indagações sobre o seu real significado. Ainda em seu estudo, o autor cita que apesar da divergência em sua conceituação por estudiosos da área, essa expressão resultou em um acúmulo de elementos que tratam o significado com complexidade, levando em conta um aglomerado de habilidades em relação à mídia, como ler, avaliar, reconhecer padrões e decodificar mensagens midiáticas.

A mídia como um fator sociocultural pode influenciar a imagem corporal, desta forma, refletir acerca da *media literacy* e o corpo torna-se indispensável (DE COEN;

VERBEKEN; GOOSSENS, 2021). Estudos relatam que a pressão imposta pela exposição de um corpo idealizado pela mídia pode aumentar a pressão social na busca de uma aparência ideal, resultando, além de uma imagem corporal negativa, em distúrbios alimentares e problemas de saúde mental, como, por exemplo, a ansiedade e depressão (ANDO *et al.*, 2021; ANIXIADIS *et al.*, 2019; ROUSSEAU; EGGERMONT, 2018).

Estudos prévios sobre a *media literacy* e o corpo (MCLEAN; PAXTON; WERTHEIM, 2016; RODGERS; MCLEAN; PAXTON, 2019), mostram que promover o pensamento crítico por meio desta abordagem pode ajudar os jovens a se tornarem consumidores conscientes das mensagens midiáticas, reduzindo a internalização dos padrões sociais de beleza. Assim, McLean, Paxton e Wertheim (2016) explicam que a *media literacy* pode ser utilizada para auxiliar na rejeição das mensagens que promovam um comportamento não saudável por representações indesejáveis, de modo que faça com que o indivíduo tenha uma menor aceitabilidade desses padrões corporais expostos, obtendo melhores resultados em relação à manutenção de sua imagem corporal.

Uma outra vertente da *media literacy* é a *social media literacy*, que tem como principal objetivo conscientizar sobre a apresentação de mensagens oriundas das mídias sociais e internet. Gordon *et al.* (2020) sinalizam que, além da conscientização, a *Social media literacy* pode evidenciar os motivos comerciais de determinada postagem e a manipulação das imagens, de modo a proteger os indivíduos contra o efeito negativo do uso das mídias sociais na imagem corporal. Os autores também evidenciam que a Educação Física Escolar é o componente curricular ideal para a adoção de estratégias relacionadas à *media literacy*, principalmente para o público adolescente.

Como estratégia preventiva utilizando a *media literacy*, Mahon e Hevey (2021) constataram que adolescentes utilizam filtros cognitivos, refletindo que as imagens vistas na mídia são manipuladas e editadas, com o objetivo de diminuir o efeito negativo da exposição a essas imagens. Os filtros cognitivos se tornam mais eficazes quando o indivíduo possui uma imagem corporal positiva, uma vez que reconhecem com mais facilidade as imagens comerciais e irreais, sendo, então, capazes de resistir à persuasão e influência midiática (RUKAVINA; LI, 2008; PAXTON; MCLEAN; RODGERS, 2022).

### **3.2 Adolescência: Um Período de Mudanças**

A adolescência é o período de transição entre a infância e a fase adulta envolto por diversas mudanças, entre elas, biológicas, por meio das alterações corporais; cognitivas, como uma nova forma de pensar e diferentes interesses; e sociais, como novas amizades, interesses em grupos e relações pessoais (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define cronologicamente a adolescência entre os 10 e 19 anos de idade (WHO, 2019). O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) compreende a adolescência entre os 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 1990). Papalia e Feldman (2013) abordam, ainda, que a adolescência compreende o período de aproximadamente 11 anos de idade a 20 anos. Para este estudo, adotamos a definição do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990).

O início da fase da adolescência é marcado principalmente por mudanças corporais, como o aumento de peso e altura, processo intitulado como estirão de crescimento. Essas mudanças corporais ocorrem principalmente porque o ser humano passa por um processo chamado puberdade (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013).

A puberdade ocorre no período inicial da adolescência, quando começam a surgir as características sexuais secundárias no ser humano, como a maturação sexual. Em meninas ocorre a menarca, o surgimento dos pelos e o desenvolvimento dos seios, e em meninos ocorre a semenarca, que é a primeira ejaculação, marcando o início do desenvolvimento de esperma nos testículos durante a puberdade, além de alterações na voz e surgimento de pelos corporais (COUTINHO, 2011; PAPALIA; FELDMAN, 2013; LOURENÇO; QUEIROZ, 2010).

Didaticamente, a adolescência pode ser dividida em três fases, a saber: a adolescência inicial, a adolescência média e a adolescência tardia. A adolescência inicial, compreendida entre 10 e 13 anos, marca o início das mudanças físicas, as dúvidas e as preocupações com a aparência e o corpo, principalmente pelo conflito em relação à perda do corpo infantil. Além das mudanças corporais, ocorre também o desenvolvimento cognitivo, como a capacidade de resolver problemas mais complexos, refletir sobre aspectos da vida, o desenvolvimento do raciocínio hipotético-dedutivo, em que o



adolescente é capaz de diferenciar o que são hipóteses e o que são fatos. Durante essa etapa, ocorrem tentativas de independência, rebeldia, necessidade de maior privacidade, além da busca da identidade e aceitação de novas responsabilidades (LEAL; QUEIROZ, 2015; VEAS *et al.*, 2019).

Durante a adolescência média, compreendida no período de 14 a 16 anos, a maioria das mudanças corporais já aconteceu, e é durante essa fase que ocorre a maior parte das influências externas em relação à estética corporal. Devido à intensa preocupação com a aparência, surge a vontade de experimentar o novo e presente sensação de onipotência. A companhia dos pares pode se tornar mais valorizada que a da família. Nesta etapa da vida, a adolescente passa a ter uma visão crítica da sociedade, desenvolvendo valores morais e sociais, além do início das preocupações com o futuro, como vida profissional e tomada de decisões (LEAL; QUEIROZ, 2015; ESPINEL, 2018).

Durante a adolescência tardia, dos 17 aos 19 anos de idade, ocorre a consolidação da identidade, assunção de responsabilidades, o refinamento de valores morais, sociais, religiosos e sexuais, e deste modo, os valores dos pares se tornam menos importantes, devido aos próprios valores. Neste período, é desenvolvida a capacidade de estabelecimento de limites e maior comprometimento, seja nas relações interpessoais, quanto profissionais. O diálogo com a família se torna mais maduro e compreensível, podendo ocorrer a busca de conselhos e orientações (VARGAS RUBILAR, 2009; LEAL; QUEIROZ, 2015).

De acordo com Papalia e Feldman (2013), a adolescência pode ser ainda classificada em três aspectos: o desenvolvimento físico, que é marcado pela puberdade e maturação sexual; o desenvolvimento cognitivo, em que o ser humano consegue pensar em termos mais complexos e abstratos, por meio das mudanças funcionais, que são relacionadas com a capacidade de manipular, obter e memorizar informações, e as mudanças estruturais, ligadas principalmente à memória; e o desenvolvimento psicossocial, que é compreendido pela busca da identidade, a compreensão da visão plena de si mesmo e as influências intrínsecas e extrínsecas.

Pensar a adolescência como um processo psicossocial envolve diversas vivências do indivíduo, ocorrendo de modo singular para cada um. Nesse sentido, pode-se dizer que é um período marcado por mudanças em diferentes aspectos da vida, com a chegada de novas responsabilidades, comportamentos, desejos, alterações emocionais, entre outras.

Além disso, o adolescente passa por influências diversificadas relacionadas às situações vivenciadas no cotidiano, como a busca e a afirmação da personalidade, a sexualidade, as expectativas em relação ao futuro e o desejo de independência (MARCELINO; CATÃO; LIMA, 2009; BLAKEMORE; MILLS, 2014).

Diante disso, a construção da identidade social é considerada um dos pontos-chave da adolescência e define como o indivíduo se tornará, tendo uma concepção de si mesmo como sujeito da sociedade, com valores, crenças e objetivos pessoais. Essa formação da identidade pode receber influências intrapessoais, como as características da própria personalidade, interpessoais, por meio de identificações e envolvimento com outras pessoas, e culturais, que são as concepções do meio em que está inserido, tanto de modo global quanto proximal (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2003).

Quando não ocorre o equilíbrio entre as transformações corporais e os aspectos psicossociais, o adolescente pode entrar em um conflito interno, desencadeando uma série de implicações, como o senso de não pertencimento, o desajuste emocional e as alterações na imagem corporal, ocorrendo de forma equivocada (PEREIRA; CIA; BARHAM, 2008).

Além disso, as pressões sociais vindas tanto dos amigos quanto dos pais podem desencadear no adolescente diferentes percepções em relação ao próprio ser, e esses sentimentos podem ser positivos, como a valorização do próprio eu, ou negativos, podendo desencadear crise de identidade, contribuindo para o desenvolvimento de ansiedade, insatisfação corporal, estresse, entre outros (ALLEN; MCKENZIE, 2015).

Adolescentes podem ser considerados um grupo suscetível a riscos, devido, sobretudo, a alterações da imagem corporal por terem dificuldades de lidar com a série de mudanças que estão ocorrendo no próprio corpo (CHAE, 2022). Além disso, adolescentes com algum tipo de deficiência, principalmente a visual, podem requerer maior atenção em relação à sua imagem corporal devido à insatisfação com sua aparência e comparação com os pares videntes, podendo resultar no sentimento de exclusão da esfera social (HAEGLE; ZHU, 2018; MORGADO *et al.*, 2019; ANDERSON; WARREN; MISAJON, 2020).

### 3.3 Definições sobre Deficiência e Deficiência Visual

A deficiência é concebida, em muitos contextos, como uma barreira social e não estritamente uma condição individual. Essa perspectiva reconhece que as limitações enfrentadas pelas pessoas com deficiência surgem mais por conta de uma série de obstáculos sociais e físicos do que simplesmente pela própria deficiência (ONU, 2006).

Atualmente, a compreensão do conceito de deficiência está mais inserida no contexto dos direitos humanos e desenvolvimento social. Essa compreensão ganha força no Brasil sobretudo após a finalização do texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência proposta pela ONU em 2006. Dessa forma, o indivíduo é o centro das suas ações, sendo visto primeiramente como uma pessoa à frente da sua deficiência (MARTINS, 2008).

O conceito de deficiência visual pode ser compreendido como alterações na acuidade visual, capazes de ocasionar a baixa visão ou cegueira, deste modo, a deficiência visual advém quando determinada condição ocular afeta o sistema visual ou as funções visuais (WHO, 2019).

A Organização Mundial da Saúde (WHO, 2019) organiza a deficiência visual em dois níveis: baixa visão e cegueira. A baixa visão é descrita como uma alteração das capacidades funcionais visuais subsequentes de alguns fatores, como, por exemplo, baixa acuidade visual, redução do campo visual, limitações no desempenho visual, entre outros (BOURNE *et al.*, 2017).

O segundo nível se trata da cegueira, que, de acordo com Nunes e Lomônaco (2010), é a ausência total da visão. Morgado *et al.* (2014) complementam que a cegueira pode ser classificada como congênita, precoce ou adquirida. A "cegueira congênita" é denominada quando o indivíduo nasce com a deficiência ou a expressou antes de completar um ano de idade, "precoce" caracteriza a cegueira que surge entre um e nove anos de idade e "adquirida" quando a cegueira é manifestada de forma tardia.

Em relação aos aspectos psicossociais, Konarska (2005) relata que o cotidiano, junto com o ciclo social, possui grande influência em indivíduos com deficiência visual, podendo levar a sentimentos como incapacidade, estresse, depressão, baixa autoestima, entre outros fatores que comprometem diretamente o indivíduo (ROSS; DA SILVA, 2013). Esses fatores podem limitá-lo e colaborar para a exclusão social e, dependendo do

contexto em que o adolescente está inserido, o oposto pode acontecer, como a sensação de pertencimento, autoconfiança, autoestima elevada, valorização das capacidades, entre outros (DE OLIVEIRA SANTOS; DE CASTRO, 2013; ALVES; DUARTE, 2014).

Desse modo, valorizar o indivíduo para além da sua deficiência, como ser social, é fundamental de modo a compreendê-lo como um ser único, promovendo o reconhecimento de suas potencialidades e capacidades, tendo em vista todo o seu contexto cultural, social e histórico (MORGADO *et al.*, 2019; VIGÁRIO *et al.*, 2019).

### **3.4 Imagem Corporal de Adolescentes com Deficiência Visual**

O desenvolvimento da imagem corporal em indivíduos com deficiência visual ocorre de formas distintas que não sejam por meio do visual, sucedendo-se por meio de informações e outros estímulos, como os táteis, cinestésicos e auditivos (PINQUART; PFEIFFER, 2012). Morgado *et al.* (2019) citam que a imagem corporal é maior e mais abrangente do que apenas a imagem visual e que esse constructo multifacetado pode ser desenvolvido por todos os indivíduos, inclusive em pessoas que tenham baixa ou não tenham estimulação visual.

Pierce e Wardle (1996) ressaltam que o desenvolvimento da imagem corporal de pessoas com deficiência visual congênita pode ocorrer por outras formas que não sejam visuais, devido ao fato de esses indivíduos não possuírem experiências visuais como ver a si mesmos e observar os corpos dos outros. Desse modo, as sensações tomam o papel principal na percepção de si, do mundo e dos pares, refletindo então na imagem corporal. Complementando, Alves e Duarte (2008) relatam que a limitação da capacidade visual, ou seja, a baixa visão, pode implicar no desenvolvimento da imagem corporal do indivíduo, principalmente quando relacionada ao desenvolvimento da percepção de si mesmo.

Indivíduos com deficiência visual podem constituir sua imagem corporal baseada mais sob uma perspectiva de funcionalidade do corpo do que pautada na aparência física. Desse modo, quando o corpo é capaz de desempenhar bem suas funções, os indivíduos tendem a ter uma imagem corporal positiva mais forte (PIERCE; WARDLE, 1996). Pinquart e Pfeiffer (2012) indicam que a construção da imagem corporal em jovens com deficiência visual pode se basear na propriocepção, na percepção tátil e nas experiências

cinestésicas. Ocorre a valorização da capacidade de se movimentar do corpo e não apenas por padrões corporais. A funcionalidade corporal quando bem desenvolvida durante a adolescência, pode levar a uma imagem corporal positiva, uma vez que o indivíduo avalia seu corpo com base em sua eficácia em realizar tarefas e enfrentar desafios, e não em sua aparência (GREGUOL; GOBBI; CARRARO, 2014).

No estudo proposto por Heagle e Zhu (2019) é discutida a relação entre a imagem corporal e as experiências corporais e esportivas durante as aulas de Educação Física escolar. Os pesquisadores coletaram os dados do estudo através de entrevistas semiestruturadas por telefone. Após a análise dos dados, foi constatado que a Educação Física Escolar possui um papel significativo na manutenção da imagem corporal de indivíduos com deficiência visual por possibilitar experiências corporais e vivências esportivas que valorizam as capacidades corporais, repercutindo de forma positiva na imagem corporal.

O estudo de Morgado e Ferreira (2009) retrata a relação entre a sociedade Pós-Moderna, a deficiência visual e a imagem corporal, constataram que quando o indivíduo se reconhece e se aceita, torna-se mais fácil manter relações edificantes com o próprio corpo. As autoras relatam ainda que o movimento contribui para o aumento do repertório de percepções táteis e cinestésicas, contribuindo ainda para a manutenção da imagem corporal.

Considerando o desenvolvimento da imagem corporal de adolescentes com deficiência visual, o meio em que o indivíduo deste grupo está inserido torna-se valoroso para a formulação da imagem corporal. A ausência do estímulo visual não representa um fator limitante no desenvolvimento da imagem corporal para o adolescente quando ocorrem outros tipos de estímulos vindos dos pais na infância, como o diálogo verbal e o toque corporal para o conhecimento sobre a imagem corporal, e isso fortifica a imagem corporal do indivíduo quando ele se torna adolescente (TAVARES, 2003; EIRAS *et al.*, 2012).

Adolescentes com deficiência visual congênita participaram de entrevistas em um estudo qualitativo (KAPLAN-MYRTH, 2000) e relataram que experiências táteis contribuem para o desenvolvimento e a manutenção da imagem corporal. Os participantes mencionaram que descrições verbais de pessoas com quem convivem promovem o

aprendizado sobre o corpo, ressaltando, dessa maneira, o entendimento da sua imagem corporal.

Foi observado no estudo proposto por Kaplan-Myrth (2000) que indivíduos com deficiência visual podem ter preocupações excessivas acerca da aparência, devido à forma como os outros os veem. Além disso, foi relatado que um dos principais assuntos, quando em convívio com os pares videntes, é a temática da aparência e isso influencia na adoção da prática de exercícios físicos, cuidados com higiene pessoal, atenção aos estilos e à moda atual, além de gerar maior compromisso com atividades para seu bem-estar (KAPLAN-MYRTH, 2000).

Indivíduos que participaram de entrevistas realizadas no estudo de Haegele e Zhu (2018) relataram que reunir informações visuais sobre a aparência física, em alguns casos, pode ser desconfortável e as preocupações em relação à imagem corporal trouxeram sentimentos de incômodo e desencorajamento, sobretudo por não se encaixarem em um determinado padrão corporal entre os colegas da escola.

Neste sentido, o desenvolvimento da imagem corporal em indivíduos com deficiência visual pode ser influenciado por uma variedade de fatores, incluindo estímulos táteis, cinestésicos e auditivos, além de experiências de propriocepção (QUINTANILHA et al., 2021). A falta de estímulos visuais diretos não impede a formação de uma imagem corporal positiva, e o reconhecimento e aceitação pessoal desempenham um papel fundamental nesse processo (MORGADO; FERREIRA, 2009). A Educação Física Escolar pode emergir como uma oportunidade valiosa para promover uma imagem corporal positiva, ao valorizar as capacidades funcionais e o reconhecimento do corpo (LUNDE; REINHOLDSSON; SKOOG, 2023).

### **3.5 Considerações sobre Educação Física Escolar no Contexto da Imagem Corporal**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que tem como objetivo a adequação dos currículos e propostas pedagógicas das instituições públicas e privadas da Educação Básica. Define as aprendizagens essenciais e enfatiza que as escolas considerem as necessidades, as possibilidades e o interesse dos alunos, ou

seja, apesar da singularidade dos estudantes, a igualdade educacional deve ser atendida (BRASIL, 2017).

A escola se torna um ambiente de troca de experiências, sendo o local em que o indivíduo com deficiência visual pode ser significativamente influenciado culturalmente, visto que, ocorre o compartilhamento de momentos relacionados ao desenvolvimento, questionamentos, além da evolução das fases da vida e suas preocupações (MINTO *et al.*, 2006). Entre tantas influências, o ideal de corpo é uma construção social aprimorada ao longo das gerações, sendo assim, torna-se uma preocupação coletiva e individual para esta faixa etária, que pode influenciar diretamente na sua imagem, seja de forma positiva ou negativa (DA FONSECA MARTINS; NUNES; NORONHA, 2008; COSTA; ABREU; SILVA, 2021).

A escola possui um papel fundamental para a manutenção da imagem corporal em sujeitos com deficiência visual. Por ser um ambiente plural, pode incentivar a convivência de forma afetiva e respeitosa dos alunos, estimulando relações saudáveis, combatendo possíveis comportamentos estigmatizantes e preconceituosos dos pares. Desse modo, quando o adolescente está integrado em um ambiente repleto de relações saudáveis, poderá ter condições de estruturar uma imagem corporal positiva, tendo a real compreensão de suas capacidades para além da aparência (ALVES; DUARTE, 2008).

No ambiente escolar, as capacidades do corpo podem ser reconhecidas principalmente através das aulas de Educação Física. Diante deste exposto, Anderson *et al.* (2020) salientaram que as práticas de atividades físicas, tanto em grupo quanto de modo individual, são capazes de promover saúde, condicionamento físico, vitalidade e satisfação em adolescentes com deficiência visual, gerando autopercepções positivas que podem refletir diretamente na imagem corporal.

Apesar disso, Belknap *et al.* (2022) mencionam que o adolescente com deficiência visual pode fortalecer crenças de que não pode realizar atividades físicas por serem incompatíveis com sua deficiência, reforçando o sentimento de limitação que tende a ocasionar a insatisfação corporal. Em comparação, indivíduos que praticam atividade física de forma regular tendem a estar mais satisfeitos com seus corpos, obtendo e mantendo uma imagem corporal positiva (HAEGELE; ZHU, 2018).

Desse modo, a Educação Física Escolar, quando proposta por meio de atividades pedagógicas de forma adaptada com o objetivo de incluir todos os alunos, oportunizando

experiências diversificadas e acessíveis a diferentes condições individuais e grupais pode desempenhar um papel fundamental na promoção da inclusão e igualdade. As aulas podem contribuir para que os adolescentes se sintam motivados a participar das aulas, ampliando suas percepções táteis, auditivas, sinestésicas e, dessa forma, tornam-se capazes de perceber as possibilidades do seu corpo, desenvolvendo a imagem corporal positiva (MORGADO *et al.*, 2017; HAEGELE; ZHU, 2018).

Ainda segundo a BNCC (BRASIL, 2017), a Educação Física é um componente curricular inserido na área de Linguagens, que tem como principal objetivo de estudo as práticas corporais, sendo subdivididas em três elementos: o movimento corporal, a organização interna e o produto cultural. Cada uma dessas práticas oferece possibilidades para experimentação, que contribuirá para o desenvolvimento do repertório motor dos alunos para uma melhor consciência corporal.

Em relação ao movimento corporal, os objetivos da Educação Física e da escola devem ser repensados de forma conjunta. Como componente curricular da Educação Básica, a Educação Física também está inserida numa perspectiva cultural, sendo parte da cultura humana, respaldada em valores que dão sentido à prática. No ambiente escolar é recomendada a Educação Física plural, em que se deve abordar as diversificadas práticas como os jogos, danças, esportes, lutas, ginásticas, entre outros, de modo que ocorra a participação de todos os alunos, sem que aconteça a exclusão (BETTI; ZULIANI, 2002; DAOLIO, 1996).

Para garantir a participação de todos os alunos, as aulas de Educação Física são pautadas em três dimensões que atuam em conjunto. A primeira é chamada de Dimensão Conceitual, que envolve os conceitos abordados nas aulas, como, por exemplo, conhecer a importância da atividade física, saber o contexto histórico sobre a evolução dos esportes, entre outros; a Dimensão Procedimental está relacionada às experimentações nas aulas, ou seja, a vivência do aluno na prática; a Dimensão atitudinal, por sua vez, compreende a valorização das atitudes nas aulas, como, por exemplo, o respeito mútuo aos colegas, participar das atividades propostas, reconhecer os erros e respeitar as regras (DARIDO, 2005). Além disso, o componente curricular Educação Física, por ser uma disciplina que tem o corpo como objeto de estudo, torna-se uma potente vertente para o desenvolvimento de atividades relacionadas à imagem corporal.



Os conteúdos da Educação Física devem estar alinhados às questões relacionadas com a imagem corporal, com isso, a disciplina curricular pode ser direcionada como um componente integral que potencialize o corpo para além da aparência e do físico (KERNER; HAERENS; KIRK, 2018). Dinâmicas e atividades que previnam perturbações e inquietações relacionadas ao corpo podem promover o respeito em relação ao corpo do outro e refletir sobre as mensagens da mídia voltadas para padrões e ideais corporais e de beleza (MCLEAN; PAXTON; WERTHEIM, 2013).

A temática da imagem corporal na Educação Física não pode ser vista de forma negligenciada. Esse componente curricular deve abordar as questões da imagem corporal para os alunos de forma a minimizar desconfortos, promover a aceitação do corpo, não só de forma teórica como também prática (KERNER; HAERENS; KIRK, 2018). A maneira como conteúdos relacionados à imagem corporal são abordados podem contribuir com a prevenção de problemáticas relacionadas aos distúrbios da imagem corporal. Diversas atividades práticas, como por exemplo, debates, exposições e discussões, podem ser elaboradas para os alunos como forma de capacitá-los acerca do entendimento da imagem corporal, priorizando, ainda, a prevenção de possíveis gatilhos geradores de mal-estar relacionados ao corpo (KERNER; HAERENS; KIRK, 2018).

Segundo Barker *et al.* (2022), a Educação Física Escolar como componente curricular tem como competência práticas que envolvam o corpo, a imagem corporal, o indivíduo como um ser em potencial para além de sua aparência. Segundo Halliwell *et al.* (2018), propor atividades relacionadas à consciência corporal fazendo ligação com a cultura corporal de movimento pode favorecer o fortalecimento dos sentimentos de competência corporal e empoderamento dos adolescentes.

O movimentar-se é essencial para a manutenção da imagem corporal e as aulas de Educação Física englobam movimentos e dinamismos, que, muitas vezes, o aluno só tem contato na escola (FERNÁNDEZ-BUSTOS *et al.*, 2019). Alunos que são mais ativos fisicamente lidam de forma mais positiva com seus corpos e atividades relacionadas à cultura corporal do movimento, por meio da inclusão, cooperação e diversão tendem a estar relacionadas também com a imagem corporal, mesmo que de forma indireta, focam principalmente na funcionalidade corporal, gerando sentimentos bons para o aluno em relação ao seu corpo, refletindo então em sua imagem corporal (BONAVOLONTÀ; CATALDI; FISCHETTI, 2021).

Yager, Mclean e Li (2019) mencionam que tratar a imagem corporal como conteúdo de aula, nesse sentido, por meio de uma aula envolta exclusivamente sobre a imagem corporal, beneficia os alunos no entendimento sobre o seu corpo, e, a partir dessas aulas, o aluno entenderá o conceito que poderá ainda mudar o seu comportamento, contribuindo para mudanças na visão do mundo em relação ao seu corpo e imagem corporal.

Schubring, Bergentoft e Barker (2021) e Azzarito, Simon e Marttinen (2016) propõem ajudar os alunos a refletirem criticamente sobre os seus corpos e ideais corporais impostos na sociedade, e como eles podem influenciar na imagem corporal se não houver algum tipo de mediação. Azzarito, Simon e Marttinen (2016) indicam que assuntos como as mensagens da mídia, narrativas culturais, pais, pares, quando relacionados ao corpo e à aparência devem ser abordados durante as aulas de Educação Física, promovendo narrativas e reflexões para a valorização da própria identidade dos alunos.

Sundgot-Borgen *et al.* (2019) relatam que a Educação Física escolar pode contribuir na mudança de atitudes, crenças e conhecimentos sobre a imagem corporal, e, dessa forma, combater sentimentos de internalização dos ideais sociais de padrões corporais, ou seja, a Educação Física escolar, nesse sentido, pode atuar de forma preventiva com relação a fatores de riscos oriundos de uma possível imagem corporal negativa.

Diante dos apontamentos levantados no referencial teórico, refletindo acerca da imagem corporal, os fatores protetivos da imagem corporal, a adolescência, a deficiência visual e a Educação Física Escolar, o próximo capítulo abordará os métodos utilizados na presente pesquisa.

## **4 MÉTODO**

Neste ponto, serão apresentados os procedimentos metodológicos da presente pesquisa, divididos em: Modelo de Estudo; Aspectos Éticos; Participantes; Critérios de Inclusão; Critérios de Exclusão e Instrumentos.

### **4.1 Modelo de Estudo**

A presente pesquisa se caracteriza por um estudo transversal, descritivo, de caráter qualitativo. A pesquisa transversal ocorre quando participantes de determinados grupos são selecionados e a pesquisa ocorre em um mesmo período. O estudo descritivo apresenta a descrição dos fenômenos de forma detalhada. A pesquisa qualitativa é um método sistemático de investigação, caracterizado pela coleta de dados por meio da observação e instrumentos projetados pelo pesquisador (AUGUSTO, 2014).

### **4.2 Grupos Focais**

No âmbito das pesquisas qualitativas, o grupo focal é uma técnica utilizada para a coleta de dados por meio de interações de um grupo selecionado de acordo com suas particularidades. Isso significa que os participantes do grupo devem ter características em comum que os habilitam a discutir alguma questão que será o ponto central da pesquisa (GATTI, 2005).

Gatti (2005) afirma que possuir características semelhantes é essencial para a aplicação desta técnica, pois trata-se de uma discussão em que os participantes interagem entre si, explicitando principalmente suas experiências cotidianas. A autora reflete que o grupo focal pode contribuir para a análise de diferentes perspectivas sobre uma mesma questão, permitindo a compreensão de ideias compartilhadas e de como os indivíduos são influenciados uns pelos outros.

Segundo Morgan (1996), algumas características devem ser consideradas para a realização de um grupo focal, principalmente a distinção entre a técnica de grupo focal e a entrevista em grupo. Pode-se dizer que a principal diferença entre essas técnicas é a

interação do grupo como um todo (GONDIM, 2002). Em um grupo focal, os participantes interagem uns com os outros, havendo a possibilidade de rever opiniões, reformular reflexões e expressar pontos de vista, enquanto as entrevistas consideram apenas as narrativas individuais dos participantes (MORGAN, 1996).

É importante salientar que para a realização de um grupo focal, algumas características metodológicas devem ser consideradas, especialmente o papel do pesquisador e a abordagem que será utilizada. Todo grupo focal possui um moderador responsável pela condução do processo de discussão. Seu papel é criar um ambiente acolhedor e dinâmico em que os participantes se sintam à vontade para expressar seus pontos de vista de forma descontraída, sem pressão ou medo de errar (PELICIONI *et al.*, 2001; GONDIM, 2002).

Além dos participantes e do moderador, é recomendado que o grupo focal tenha observadores, que têm o papel de apoiar o moderador durante a aplicação da técnica (BUSANELLO *et al.*, 2013). O observador pode auxiliar o moderador fazendo anotações dos depoimentos, observando como a dinâmica se desenvolve, ajudando na organização do ambiente e garantindo o correto funcionamento da gravação audiovisual (ASCHIDAMINI; SAUPE, 2004).

Iervolino e Pelicioni (2001) mencionam que o grupo tem início com a chegada do primeiro participante ao local da discussão. É essencial que o moderador receba esses participantes de forma cordial, visando criar um ambiente agradável de espera. Após a chegada de todos, o moderador se apresentará juntamente com os observadores e, em seguida, explicará brevemente os objetivos da pesquisa (IERVOLINO; PELICIONI, 2001).

Morgado, Campana e Tavares (2012) destacam que, após o planejamento estrutural do grupo focal, é necessário providenciar um material de apoio denominado guia do moderador. Esse guia atua como guia para o grupo focal, direcionando o pesquisador em suas falas, pausas e discussões, sendo utilizado como um roteiro que o moderador pode seguir. Apesar de servir como um roteiro, sua utilização pode ser flexível, permitindo ajustes em caso de imprevistos (GATTI, 2005; MORGADO; CAMPANA; TAVARES, 2012).

O guia do moderador é estruturado em cinco sessões: na introdução, todos os membros da pesquisa se apresentam, a proposta do grupo focal é descrita, informa-se que

a sessão será gravada e confirma-se a participação por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A segunda sessão é a principal, onde são feitas as perguntas relacionadas ao tema central da pesquisa. A terceira é a sessão detalhada, na qual são mencionados os pontos relevantes da pesquisa. A quarta é a parte-chave, onde os participantes são encorajados a expressar suas opiniões. Por fim, a última sessão é o sumário, onde os participantes têm a oportunidade de compartilhar informações sobre qualquer tópico que possam ter esquecido (MORGADO; CAMPANA; TAVARES, 2012).

### **4.3 Aspectos Éticos**

A pesquisa de campo ocorreu após a aprovação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP/Plataforma Brasil) (anexo A).

Os responsáveis pelos participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que constaram as informações sobre o estudo (apêndice A);

Os participantes assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), em que constaram as informações sobre o estudo (apêndice B). Esse documento foi lido pelo professor de educação física responsável pela turma e posteriormente assinado com o auxílio de um guia de assinatura.

### **4.4 Participantes**

A amostra do estudo foi composta por quinze adolescentes com deficiência visual autorreportada, de ambos os sexos, regularmente matriculados no Instituto Benjamin Constant, localizado no Rio de Janeiro. Cursando o segundo segmento do Ensino Fundamental, compondo o sétimo, oitavo e nono ano.

A escolha pelo Instituto ocorreu por se tratar de uma instituição federal de ensino, pesquisa e extensão que contempla pessoas com deficiência visual de todas as idades, ou seja, recém-nascidos, crianças, adolescentes e adultos e idosos. No âmbito educacional, é ofertada a educação precoce para bebês e todas as etapas da educação básica, sendo elas a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio profissionalizante, atuando

também na reinserção social das pessoas que estão perdendo ou perderam a visão, ofertando o suporte e orientação para o reestabelecimento da autonomia desses indivíduos.

#### **4.5 Critérios de Inclusão**

Indivíduos matriculados no Instituto Benjamin Constant;

Indivíduos que frequentem as aulas de Educação Física;

Indivíduos com deficiência visual autorreportada, englobando tanto a cegueira quanto a baixa visão.

#### **4.6 Critérios de Exclusão**

Indivíduos que não compareceram às reuniões de grupos focais;

Indivíduos sem o TCLE e TALE devidamente assinados.

#### **4.7 Instrumentos**

Guia do Moderador – O Guia do Moderador (apêndice C) é um instrumento de apoio para a realização de um grupo focal que se trata de uma técnica utilizada para analisar e discutir interesses em comum em um grupo específico com características específicas. O Guia do Moderador direciona o pesquisador em relação ao conteúdo a ser dialogado com o grupo e possui cinco estágios: Introdução, Parte principal, Sessão detalhada, Parte-chave da sessão e Sumário (MORGADO; CAMPANA; TAVARES, 2012). Nesta etapa, foram utilizados os seguintes materiais: câmera ou celular para a gravação de vídeo; notebook para suporte, monitoramento, orientações e anotações dos grupos focais; microfone para gravação de áudio.

Questionário sociodemográfico – criado pelo pesquisador para coletar informações sociodemográficas, tais como: escolaridade, sexo, tipo de deficiência visual, etc. (apêndice D).



## 5 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Após a aprovação do Comitê de Ética da Plataforma Brasil, o pesquisador entrou em contato com o Instituto Benjamin Constant para solicitar a realização da pesquisa na instituição. Após preencher o formulário e enviar a documentação necessária, a instituição pediu que os pesquisadores aguardassem a devolutiva, que ocorreu em um mês e meio. Com a autorização para a pesquisa, orientaram que os pesquisadores entrassem em contato com a Coordenação de Assessoramento Pedagógico e Administrativo para os próximos direcionamentos.

Ao contactar a Coordenação de Assessoramento Pedagógico e Administrativo, a pesquisa foi direcionada ao Instituto de Educação do Instituto Benjamin Constant, onde se analisou o projeto para determinar a área de estudo mais adequada. Após a análise, uma reunião foi marcada para apresentar os coordenadores ao pesquisador e à proposta de pesquisa, já que eram externos à instituição. Neste encontro, foi informado ao pesquisador sobre as turmas disponíveis compatíveis com a faixa etária proposta no trabalho, que eram as do Ensino Fundamental.

Durante a reunião, também foi comunicado que, na atual gestão do Instituto Benjamin Constant, a pesquisa só poderia ser feita presencialmente. Contudo, por conta da reestruturação pós-pandemia da COVID-19, o acesso interno à instituição estava limitado, e apenas um pesquisador poderia estar presente para a pesquisa.

Após aceitar os termos, o projeto foi encaminhado ao Departamento de Educação Física do referido Instituto, pois a pesquisa ocorreria durante as aulas de Educação Física. Três professores acessaram o projeto e foram convidados a participar; deles, dois concordaram em disponibilizar espaço para o pesquisador.

Houve uma nova reunião com os docentes de Educação Física para que o pesquisador detalhasse as intenções e metodologia da pesquisa. As reuniões foram presenciais em dias diferentes. Os professores aconselharam o pesquisador a assistir a algumas aulas, familiarizando os alunos com a pesquisa e, depois, a contactar os pais para apresentação dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e de Assentimento.

Durante as aulas, os docentes apresentaram o pesquisador aos(às) discentes, explicando sua presença. Um deles pediu que ele auxiliasse nas atividades, aproximando-o dos alunos. O pesquisador chegava cedo para falar com os responsáveis e obter



assinaturas. No entanto, como alguns alunos iam sozinhos, os professores sugeriram que levassem os termos para os responsáveis em casa.

Com as assinaturas em mãos, foram agendadas as datas para os grupos focais. Estas datas mudaram duas vezes, por eventos escolares e ausência dos professores. Em ambas as ocasiões, o pesquisador só foi informado ao chegar à instituição.

As reuniões aconteceram em dias diferentes. Na primeira, realizada na quadra, os estudantes foram recebidos em um ambiente preparado pelo pesquisador e pelo professor. O pesquisador se apresentou e, depois, explicou os objetivos da pesquisa e apresentou o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. Com a ajuda de um guia, todos os alunos assinaram.

Antes do início da reunião, um estagiário ajudou no preenchimento dos questionários sociodemográficos. Após essa etapa, os participantes autorizaram a gravação do grupo focal. O pesquisador agiu como moderador, enquanto o professor incentivava os diálogos e um estagiário atuava como observador, apoiando na organização e na gravação de áudio.

As reuniões dos grupos 2 e 3 seguiram a mesma dinâmica do grupo anterior; a diferença é que o professor responsável pelas turmas disponibilizou uma sala para as reuniões. Neste grupo, apenas o pesquisador atuou como moderador, e o estagiário, como observador, também apoiou com anotações e gravação de áudio. Os grupos focais foram gravados, transcritos na íntegra e, posteriormente, submetidos à análise.

## 6 ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados seguiu a análise de conteúdo de Bardin (2011), que é dividida em quatro etapas. A primeira é a etapa de pré-análise, na qual se realizou a leitura e preparação do material coletado. A segunda etapa é a exploração do material, mediante a leitura e reprodução das gravações. A terceira etapa consistiu na categorização dos dados, conforme a ordem em que as temáticas foram apresentadas nos grupos focais. A quarta etapa refere-se ao tratamento dos dados obtidos para a discussão dos resultados. Todos os materiais produzidos pelos grupos focais foram organizados e sistematizados. Para preservar a identidade dos alunos, atribuíram-se códigos de identificação. A letra “G” representou o grupo no qual o aluno participou (G1, G2 e G3). Cada participante foi identificado pela letra “P”, seguida de uma sequência numérica (P1, P2, P3, etc.). O código completo pode ser exemplificado como: “G1, P2”.

## 7 RESULTADOS

Participaram da pesquisa 15 estudantes com idades entre 12 e 18 anos, idade que compõe o período da adolescência de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), cursando o Ensino Fundamental no Instituto Benjamin Constant. Ressalta-se que não houve exclusão de participantes com base nos critérios pré-estabelecidos.

Em relação aos fatores protetivos da imagem corporal, os participantes destacaram a utilização de três mecanismos, sendo eles: os filtros cognitivos, por meio de pensamentos positivos relacionados às suas capacidades; o diálogo com os pais e amigos, atuando como forma de amortecedores sociais; e a atuação profissional por meio de terapia, como pode ser visto no quadro abaixo:

**Quadro 1** – Respostas referentes aos Fatores protetivos da Imagem Corporal:

Fator Protetivo	Nº de respostas	%
Filtros Cognitivos	10	66,66
Diálogo	7	46,66
Terapia	1	6,66

Alguns alunos responderam duas ou mais opções

Fonte: Os autores (2023)

Em relação às características sociodemográficas, a média de idade dos participantes foi de 14,4±1,9 anos. Todos os 15 alunos estavam cursando os anos finais do ensino fundamental: sete alunos no sétimo ano (46,66%), cinco no oitavo ano (33,33%) e três no nono ano (20%). Quanto ao tipo de deficiência visual, nove alunos (60%) relataram ter baixa visão; três alunos (20%) declararam ter cegueira congênita; e três alunos (20%) mencionaram cegueira adquirida. A Tabela 1 apresenta a caracterização dos participantes em seus respectivos grupos.

**Tabela 1** - Caracterização amostral dos participantes da pesquisa

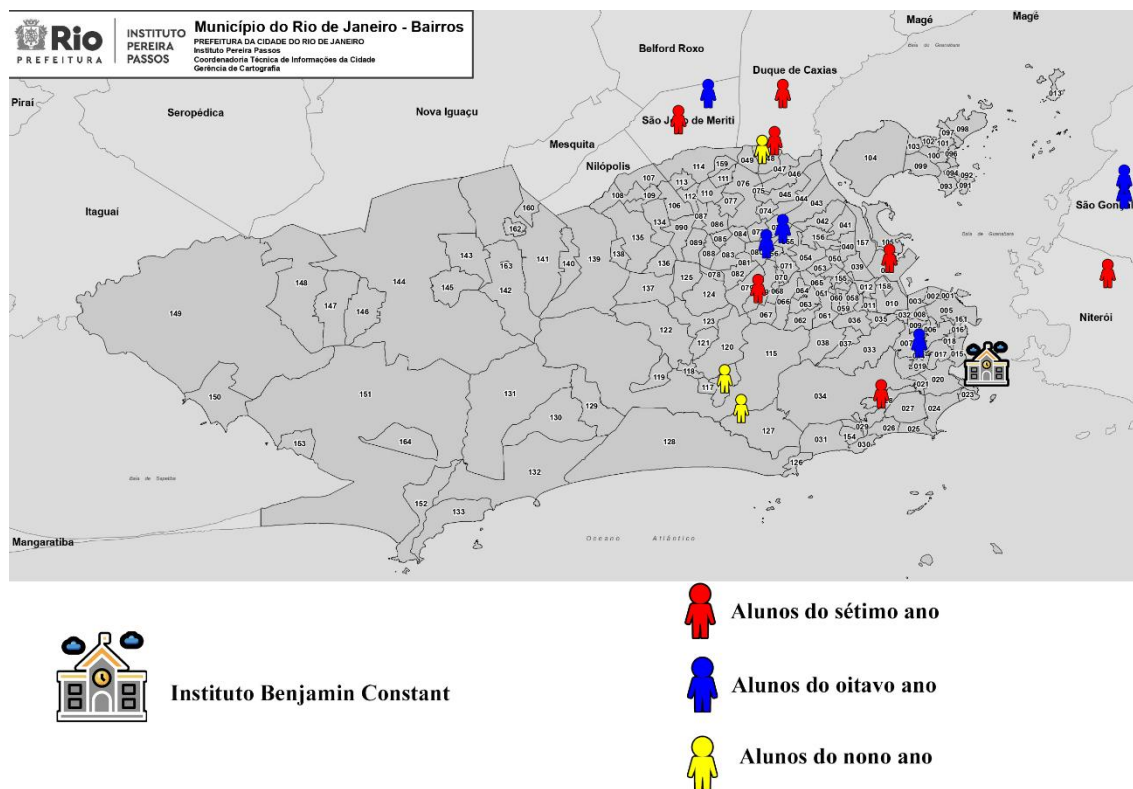
Características 7º ano (G1)					
Participante	Idade	Deficiência Visual	Local de residência	Acesso à internet	Redes Sociais
<b>P1</b>	13	Baixa visão	Caxias	sim	Não
<b>P2</b>	12	Baixa visão	Caju	sim	Não
<b>P3</b>	14	Cegueira adquirida	Niterói	sim	Sim

<b>P4</b>	13	Baixa visão	Jardim Botânico	sim	sim
<b>P5</b>	15	Baixa visão	São João de Meriti	não	não
<b>P6</b>	13	Cegueira congênita	Piedade	sim	não
<b>P7</b>	16	Baixa visão	Vigário Geral	não	não
<b>Características 8º ano (G2)</b>					
<b>Participante</b>	<b>Idade</b>	<b>Deficiência Visual</b>	<b>Local de residência</b>	<b>Acesso à internet</b>	<b>Redes Sociais</b>
<b>P1</b>	14	Cegueira congênita	São João de Meriti	sim	sim
<b>P2</b>	14	Cegueira adquirida	Tomás Coelho	sim	sim
<b>P3</b>	13	Baixa visão	São Gonçalo	sim	sim
<b>P4</b>	14	Baixa visão	São Francisco Xavier	sim	sim
<b>P5</b>	13	Baixa visão	Santa Teresa	sim	sim
<b>Características 9º ano (G3)</b>					
<b>Participante</b>	<b>Idade</b>	<b>Deficiência Visual</b>	<b>Local de residência</b>	<b>Acesso à internet</b>	<b>Redes Sociais</b>
<b>P1</b>	18	Cegueira congênita	Anil	sim	não
<b>P2</b>	18	Baixa visão	Rio das Pedras	sim	sim
<b>P3</b>	15	Cegueira adquirida	Vigário Geral	sim	não

Fonte: Os autores (2023)

Outro aspecto presente no questionário sociodemográfico é a questão sobre o local em que os alunos residem e a distância até a escola. Atualmente, o Instituto Benjamin Constant fica localizado na Av. Pasteur, 368, no bairro Urca, na cidade do Rio de Janeiro. Apesar de a instituição oferecer uma infraestrutura adequada que promove a autonomia dos estudantes, chegar até esse local muitas vezes torna-se complicado, principalmente pela falta de acessibilidade da cidade do Rio de Janeiro (BARBOSA; DE MATTOS; AVELAR, 2019).

A Figura 1 demonstra o mapeamento da distância entre a residência dos alunos até a instituição de ensino.



Descrição da imagem: A imagem representa o mapa geográfico dos municípios do Rio de Janeiro, fornecendo uma visão abrangente das localizações e divisões dos municípios, assim como a distância da residência dos alunos até a instituição de ensino. Na imagem, consta o símbolo de uma escola, representando a instituição de ensino, e bonecos coloridos espalhados pelo mapa, representando os estudantes. Os bonecos vermelhos representam os alunos do sétimo ano, os bonecos azuis representam os alunos do oitavo ano, e os bonecos amarelos representam os alunos do nono ano.

Fonte: Os autores (2023)

Outro aspecto percebido com o uso do questionário sociodemográfico foi sobre o uso da internet e das redes sociais. Dentre os participantes, 12 estudantes (80%) relataram ter internet em casa, e apenas 3 (20%) mencionaram não ter acesso.

No presente estudo, quando questionados se tinham algum dispositivo com acesso à internet e tecnologia assistiva, os números foram semelhantes à questão sobre possuir internet em casa: 13 (81,25%) deram respostas afirmativas sobre ter algum dispositivo com tecnologia assistiva e 3 (18,75%) afirmaram não ter. Chama atenção o fato de que um dos alunos mencionou estar esperando ganhar um celular de presente.

**Tabela 2** - Dispositivos eletrônicos são mais utilizados entre os alunos:

<b>Dispositivos utilizados</b>	<b>Nº de alunos que possuem acesso</b>
Celular	12 (80%)
Computador	3 (20%)
<i>Smart TV</i>	3 (20%)

Alguns alunos utilizam mais de um dispositivo para acesso.

Fonte: Os autores (2023)

**Tabela 3** - O que os participantes da presente pesquisa gostam de fazer quando estão conectados na internet.

<b>O que gosta de fazer online</b>	<b>Nº de alunos</b>
Assistir vídeos	7
Conversar com os amigos	2
Futebol	1
Jogar online	3
Notícias	1
Ouvir Músicas	2
Piadas	1
Plataforma de Streamings	1
Receitas	1
Redes sociais	5

Alguns alunos responderam duas ou mais opções.

Buscando compreender o entendimento do termo "mídia" pelos participantes da presente pesquisa, foi solicitado que os mesmos refletissem e mencionassem as principais palavras relacionadas ao termo "mídia". As respostas foram anexadas em forma de nuvem de palavras para facilitar a visualização, como pode ser visto nas seguintes figuras.



Descrição da imagem: A imagem representa as palavras mais citadas quando os participantes do Grupo 1 pensaram sobre o termo “Mídia”. Há palavras maiores e outras menores, formando uma imagem semelhante a uma nuvem. Na imagem, existem cinco palavras: “eletrônico” em tons de lilás, sendo a maior de todas e, portanto, a mais citada pelos participantes; em seguida, “fama” em tons de azul, “rádio” em tons de rosa, “internet” em tons de azul e “música” em tons de verde.

Fonte: Os autores (2023)



Descrição da imagem: A imagem representa as palavras mais citadas quando os participantes do Grupo 2 pensaram sobre o termo “Mídia”. Há palavras em posição vertical e outras em posição horizontal, formando uma imagem semelhante a uma nuvem. Na imagem, todas as palavras possuem o mesmo tamanho, sendo elas: “Músicas”, “fake-news”, “wifi”, “celular”, “tecnologia” em diferentes tons de azul, “fotos”, “marketing” em tons de rosa, “vício”, “Instagram” em tons de lilás e “stories e “maldade” em tons de verde.

Fonte: Os autores (2023)



Descrição da imagem: A imagem representa as palavras mais citadas quando os participantes do Grupo 3 pensaram sobre o termo “Mídia”. Há palavras em posição vertical e outras em posição horizontal, formando uma imagem semelhante a uma nuvem. Na imagem, todas as palavras possuem o mesmo tamanho, sendo elas: “música”, “padrão” em tons de azul, “mídia-social”, “rede-social” em tons de lilás, “fofoca” em tom de rosa e “exibir” em tom de verde.

Fonte: Os autores (2023)

Diferentes conceitos e valores emergiram quando os alunos foram estimulados a resumirem de forma livre o conceito de corpo, configurando o procedimento de associação livre de palavras. As evocações expressas no conteúdo da fala dos participantes estão apresentadas no Quadro 2

Concepções	Palavras
Físicas	magro; branca; fraquinha; beleza; bonito; alto; altura; baixinha; albino.
Atitudinais	Expressão; saúde; capacidade; respeito; namoro; vaidade; cuidado; treino; movimentação.
Cognitivas	Atitude; feliz; aprender; legal; inteligência.

Fonte: Os autores (2023)

Em relação as aulas de Educação Física, a **Tabela 4** demonstra o motivo que cada participante relatou sobre gostar da aula.



<b>Grupo</b>	<b>Participante</b>	<b>Motivo</b>
<b>G1</b>	P1	Correr
<b>G1</b>	P2	Natação
<b>G1</b>	P3	Exercitar o corpo
<b>G1</b>	P4	Porque é legal
<b>G1</b>	P5	Correr
<b>G1</b>	P6	Gostar do professor
<b>G1</b>	P7	Gostar do professor
<b>G2</b>	P1	Achar produtivo
<b>G2</b>	P2	Achar divertido
<b>G2</b>	P3	Gostar do professor
<b>G2</b>	P4	Achar divertido
<b>G2</b>	P5	Se destacar
<b>G3</b>	P1	Jogar
<b>G3</b>	P2	Exercitar o corpo
<b>G3</b>	P3	Se movimentar

Fonte: Os autores (2023)

O próximo capítulo apresenta a discussão dos resultados da presente pesquisa. Com o objetivo de aprimorar a qualidade do estudo, foram considerados os dados sociodemográficos e os dados gerados através das reuniões dos grupos focais.

## **8 DISCUSSÃO**

Os dados sociodemográficos possibilitaram a reflexão sobre a distância entre a residência dos alunos e a instituição de ensino, Rosa e Braida (2020) enfatizam a importância de se discutir a existência de pessoas com deficiência visual no meio urbano, levando em consideração as potencialidades descritas como signos não visuais, e a infraestrutura facilitadora para que os indivíduos possam se deslocar. Esses aspectos são evidentes no entorno do Instituto, como a adequação das calçadas e a sinalização tátil e sonora.

Todavia, é necessário refletir sobre as impedências devido à urbanização para as pessoas com deficiência visual e as condições que possam interferir no direito de se locomover autonomamente. Destacam-se, entre as condições, o fluxo de pedestres, a falta de sinalização, a ausência de transportes adaptados, entre outros que podem ser observados na cidade do Rio de Janeiro (ROSA; BRAIDA, 2020). As barreiras físicas e a falta de acessibilidade nos espaços urbanos podem influenciar negativamente a percepção que essas pessoas têm de seus corpos e sua capacidade de se movimentar de forma independente (MAZZONI; TORRES, 2005).

Deste modo, percebe-se que a mobilidade urbana é essencial para a participação plena na vida social e econômica e pode desempenhar um papel significativo na manutenção da imagem corporal das pessoas com deficiência visual. Considerar a interseção entre mobilidade urbana, deficiência visual e imagem corporal possibilita adentrar em um território complexo e multifacetado, que envolve não apenas a acessibilidade física, mas também as percepções e experiências subjetivas desses indivíduos em relação a si mesmos e ao ambiente em que estão inseridos.

A falta de recursos de acessibilidade e atitudes desinformadas ou preconceituosas, como não ceder os lugares nos transportes públicos, por parte da sociedade, podem contribuir para a internalização de uma imagem corporal negativa, afetando a autoestima e a confiança das pessoas com deficiência visual (DIELH, 2007; DANTAS; QUINTANILHA; MORGADO, 2023). É importante salientar que a manutenção da imagem corporal de indivíduos com deficiência visual se dá principalmente pelos aspectos emocionais, sociais e culturais (QUINTANILHA *et al.*, 2021).

Outro ponto que chamou atenção durante as visitas a instituição de ensino foi a inconstância da frequência dos alunos durante as aulas. Observou-se que muitos responsáveis acompanhavam os estudantes durante os dias letivos, permanecendo na instituição até o fim das aulas. Em diálogos com esses responsáveis, mencionou-se que, devido à distância entre a instituição e a residência, o tempo de deslocamento e o cansaço físico, algumas vezes não era possível comparecer às aulas.

De acordo com Cavalieri (2016), a mobilidade urbana é um fator crucial na vida das pessoas com deficiência visual quando se trata de acessar oportunidades educacionais. A dificuldade de deslocamento nas cidades pode impactar significativamente na frequência escolar e, conseqüentemente, na evasão escolar (MÜLLER; MONASTERIO;

DUTRA, 2018), o que pode refletir no intervalo de idade mostrado nas respostas do questionário sociodemográfico.

A falta de acessibilidade nos deslocamentos diários pode gerar frustração, desmotivação e até mesmo a sensação de exclusão (MARQUES; BARBOSA, 2022), e esses sentimentos podem ser associados às teorias da imagem corporal. Promover uma imagem corporal positiva para as pessoas com deficiência visual requer ações que vão além da acessibilidade física (DANTAS; QUINTANILHA; MORGADO, 2023). É necessário criar uma cultura inclusiva que valorize a diversidade de corpos e habilidades, combatendo estereótipos e promovendo a aceitação de si e do outro (SCORSOLINI-COMIN; AMORIM, 2010).

De forma a considerar o avanço tecnológico e a deficiência, Morcelli e Seabra (2014) destacam a importância da inclusão social e digital, sendo imprescindível assegurar que pessoas com deficiência não sejam excluídas do progresso tecnológico. Nesse contexto, é necessário estabelecer oportunidades e criar um ambiente propício para que essas pessoas tenham acesso aos benefícios proporcionados pela tecnologia.

A internet desempenha um papel fundamental como fonte de informação, comunicação e interação social (LEE *et al.*, 2010). No entanto, as barreiras existentes podem dificultar o acesso pleno e efetivo para pessoas com deficiência visual. É nesse contexto que a tecnologia assistiva surge como uma aliada indispensável para essa população (DA SILVA BASTOS; MUÑOZ; RAPOSO, 2020). Esse termo engloba uma série de recursos, que podem ser produtos, estratégias, serviços, entre outros, que objetivam promover o acesso, aprendizado e autonomia de pessoas com deficiência, resultando na inclusão social e digital (BIAZUS; RIEDER, 2019).

É inegável que a tecnologia assistiva contribui de forma significativa no uso de dispositivos eletrônicos por meio de recursos como leitores de tela, busca por voz e audiodescrição. Borges e Mendes (2021) evidenciam que, graças às tecnologias assistivas, pessoas com deficiência visual podem acessar ativamente a internet, apesar da maioria dos sites serem baseados em conteúdos visuais. A principal tecnologia assistiva nesse contexto são os aplicativos de leitura de tela. E quando refletimos sobre o uso de redes sociais, esses aplicativos, além de permitirem que os usuários entendam o conteúdo visual compartilhado, também possibilitam ouvir postagens, comentários, mensagens e

navegar de forma autônoma nessas plataformas (BORGES; MENDES, 2021; BRUNO; NASCIMENTO, 2019).

Através dos dados expostos na Tabela 3, nota-se que os alunos gostam mais de assistir a vídeos e acessar as redes sociais. Um ponto que chama a atenção é que todos os alunos que declararam preferir assistir vídeos online também declararam possuir baixa visão. Entre os conteúdos acessados, além dos vídeos convencionais em sites como o YouTube, estão os vídeos curtos na plataforma TikTok, como mencionado pelos estudantes.

O TikTok pode ser considerado uma mídia social que tem como foco principal a postagem e compartilhamento de vídeos curtos e atrai usuários adolescentes e jovens adultos (HARRIGER; THOMPSON; TIGGEMANN, 2023). Pesquisas demonstram que mídias sociais em que os usuários recebem conteúdos de forma passiva podem promover ideais de beleza irreais, sendo prejudiciais para a manutenção da imagem corporal (DE VALLE *et al.*, 2021; PRYDE; PRICHARD, 2022; MARKEY; DANIELS, 2022), principalmente por conta do conteúdo envolvente vinculado aos níveis de consumo e o algoritmo pré-programado para oferecer aos usuários conteúdos baseados em buscas prévias (HARRIGER *et al.*, 2022).

Em relação ao algoritmo, Harriger *et al.* (2023) em seu estudo, objetivaram avaliar se havia conteúdos relacionados à positividade da imagem corporal na plataforma. Para isso, criaram uma nova conta e, através do buscador, utilizaram determinadas palavras-chave para que o algoritmo entregasse conteúdos semelhantes aos que foram buscados. Foram analisados 342 vídeos e, como principal resultado do estudo, foi descoberto que os vídeos positivos sobre o corpo no TikTok parecem não apresentar conteúdo alinhado com o movimento de positividade corporal e também raramente incluem mensagens sobre aparência.

Em termos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual, em especial a baixa visão, a própria plataforma do TikTok oferece um recurso intitulado "síntese de fala", no qual os textos digitados são convertidos em locução, à medida que o vídeo é reproduzido. Além da adição rápida e prática, os usuários podem escolher diferentes vozes disponíveis, além de ajustar a velocidade e tom da fala. Esse recurso pode ser um dos influenciadores para o forte uso do aplicativo.

Outro fator influenciador para a adesão de plataformas de vídeos curtos são os criadores de conteúdo que também possuem deficiência visual. Com o auxílio de tecnologias assistivas e a própria interface intuitiva do aplicativo, indivíduos com deficiência visual têm criado conteúdos e publicado em seus perfis no TikTok. Caran, Araújo e Travieso-Rodríguez (2019) relatam a importância do protagonismo e da presença de criadores de conteúdo com deficiência visual, e que isso pode estabelecer identidade social, além de promover uma voz ativa para que outras pessoas em condições semelhantes possam se identificar.

A interação social online foi o principal argumento citado quando os alunos que participaram da pesquisa mencionaram o uso das redes sociais como principal opção sobre o que gostavam de fazer online. De acordo com Caran e Arrais (2015), em redes sociais como o Facebook, há grupos e páginas temáticas relacionadas com temas correlatos sobre a deficiência visual, e esses espaços podem proporcionar oportunidades de compartilhamento de experiências, buscar apoio e conhecer pessoas que enfrentam desafios semelhantes, criando uma rede de suporte essencial para fortalecer a inclusão e superar barreiras (CARAN; ARRAIS, 2015; PIOVESAN; WAGNER; RODRIGUES, 2013).

As redes de suporte presentes nas mídias sociais para pessoas com deficiência visual podem oferecer um ambiente seguro e encorajador, no qual as pessoas possam compartilhar suas preocupações, dúvidas e sucessos e, por meio do apoio mútuo, desenvolver uma percepção positiva do corpo, valorizando suas habilidades e capacidades, fortalecendo a autoestima e a autoaceitação, e assim, contribuindo para uma imagem corporal positiva de si mesmo.

A partir da análise de conteúdo das reuniões de grupos focais realizadas, quatro categorias foram elaboradas: (1) Fatores protetivos e mensagens midiáticas; (2) Mídia e imagem Corporal; (3) Evocações sobre o corpo: Conceitos e Valores; (4) Educação Física Escolar.

### **8.1 Categoria 1 - Fatores protetivos e mensagens midiáticas**

Os fatores protetivos da imagem corporal englobam uma série de estratégias conscientes e inconscientes que têm como principal objetivo amenizar danos na imagem

corporal dos indivíduos (WOOD-BARCALOW, TYLKA, AUGUSTUS-HORVATH, 2010; RUKAVINA; LI, 2008). Essas estratégias podem ser intrínsecas ao ser humano, quando fazem parte das crenças e personalidades, como também podem ser extrínsecas, ou seja, desenvolvidas a partir de fatores externos. Podem ainda atuar de forma conjunta, protegendo ainda mais os aspectos da imagem corporal positiva.

No período da adolescência, é comum que os fatores protetivos da imagem corporal estejam fragilizados ou não estejam definidos de forma clara. Pensando nessa questão, o grupo focal abordou uma questão referente a esses fatores protetivos, na qual o moderador perguntou aos alunos o que eles costumavam fazer ou de que forma agiam quando mensagens midiáticas sobre o corpo os incomodavam.

Eu pensava que tipo, cara, se eu tenho cabelo cacheado e eu não consigo explicar direito, mas eu acho que é uma coisa muito boa, porque a minha família é negra, tem o cabelo cacheado, representa muita coisa da cultura afrodescendente e tal. Daí eu comecei a entender o *black*, os cachinhos e os pensamentos. Também conversei muito com a minha mãe e tal. (G2, P2).

Uma estratégia de proteção da imagem corporal é intitulada de "filtros cognitivos" (RUKAVINA; LI, 2008). Esses filtros atuam através de pensamentos positivos em relação ao corpo e à aparência, valorizando as capacidades físicas e cognitivas, representando o corpo para além da aparência. A fala da aluna demonstra uma apreciação por sua origem, que atua como forma de diminuir os impactos causados pela mídia.

Em relação à mídia, os filtros cognitivos podem impedir o desenvolvimento de sentimentos negativos relacionados ao corpo, prevenindo assim a insatisfação corporal e promovendo uma maior apreciação corporal (RUKAVINA; LI, 2008). Os resultados positivos dos filtros cognitivos podem ser ainda mais eficazes quando associados a diálogos com familiares e amigos.

Comigo eu sempre me senti de boa. Não sempre, não. Antigamente eu não sei porque eu tinha alguma implicância comigo. Hoje em dia eu sou de boa. (G2, P3).

A fala do aluno sugere que, nos dias atuais, seus filtros cognitivos estão estabelecidos de tal forma que as mensagens midiáticas sobre o corpo não o incomodam. O moderador do grupo pediu para que ele explicasse de forma mais detalhada como conseguiu filtrar as mensagens da mídia.

Como que era? tipo ah, sei lá, não sei. Eu não me lembro mesmo, nem sei porque eu tinha implicância. Eu sei o que tinha, mas não me lembro o porquê, nem o que era que eu tinha. Hoje em dia não. Hoje em dia, eu sou de boa, saudável e tenho tudo o que eu queria ter. Eu ficava bem reflexivo. (G2, P2).

Alguns indivíduos, de tanto pensarem e refletirem sobre coisas boas relacionadas ao seu corpo e sua aparência, podem internalizar de forma autônoma esses filtros cognitivos de forma tão eficaz a ponto de não lembrar o que os incomodavam antes. Outros indivíduos precisam fortalecer seus filtros cognitivos com o auxílio de outras pessoas.

Eu procuro, tipo assim, pedir a opinião de pessoas sobre aquilo que de fato aconteceu. Tipo, para ter mais pessoas do meu lado tentando fazer com que aquela situação mude. Pode acontecer algo diferente. Eu tento fazer isso. (G3, P2).

Conversar sobre a situação permite compreender o direcionamento da mensagem midiática. Por vezes, o adolescente com deficiência visual se sente tão abalado com o conteúdo disponibilizado que não consegue interpretar de maneira analítica o teor da mensagem. Assim, dialogar com os pares ou responsáveis sobre o incômodo relacionado ao conteúdo e ao próprio corpo auxilia na redução dos efeitos nocivos à imagem corporal.

Esse é um ponto positivo... de você não enxergar, porque você não vai ver, não vai escutar nada e escutar que eu digo é tipo assim, dar atenção para o que você está vendo. (G3, P2).

Segundo o aluno, a ausência do sentido visual facilita para que mensagens negativas e comprometedoras não sejam internalizadas com facilidade. Quando questionado se as mensagens midiáticas haviam o incomodado em algum momento da vida:

Eu não faço nada, geralmente eu não ligo... Eu já me senti incomodado com mensagens de todo mundo...Só que fiz tratamento, estou fazendo, no caso. (G3, P2).

Segundo Veras (2010), o processo de terapia auxilia na compreensão dos pensamentos relacionados ao corpo e à forma como ocorrem as representações mentais, possibilitando ao indivíduo determinar pontos positivos e negativos em relação à sua imagem corporal e filtrar mensagens negativas que comprometam a imagem corporal.

Neste sentido, o diálogo, seja com os responsáveis, amigos ou profissionais, pode contribuir para a proteção da imagem corporal positiva e valorizar os filtros cognitivos.

Possuir filtros cognitivos fortificados é essencial para pessoas com deficiência visual, principalmente durante a adolescência, pois essa é a fase da vida em que os indivíduos geralmente são mais influenciáveis e suscetíveis à adoção de comportamentos e internalização de pensamentos, seja através da mídia ou através de comentários feitos por pessoas videntes sobre conteúdos acessados nas mídias.

Eu sozinha não consigo. Eu tenho que sempre ter alguém conversando, conversando comigo, me auxiliando. Então, geralmente eu converso com a minha tia. A minha tia diz para mim que o melhor é você largar essa pessoa. Mas sempre tem alguém tentando falar isso de mim, entendeu? Eu queria saber o porquê disso. Eu mesma fico me perguntando: por que essas coisas acontecem? Por que com uma menina tão capaz e tão inteligente que eu sou? Eu tô aqui no IBC desde os dois anos e meio.... tenho capacidade de fazer coisas, por exemplo, capacidade de correr. (G1, P6).

Outro aspecto que chama atenção em relação aos fatores protetivos da imagem corporal são as possibilidades de experiências corporais que a Educação Física pode proporcionar. Adolescentes com cegueira e baixa visão valorizam sua autonomia e capacidade de realizar tarefas. Além disso, é importante ressaltar que a combinação de dois ou mais fatores protetivos pode ampliar a eficácia da proteção da imagem corporal positiva.

Frente ao exposto, a partir dos relatos dos participantes deste estudo, entende-se que os fatores protetivos relacionados à imagem corporal nesse contexto peculiar são os pensamentos positivos acerca de si mesmo, valorizando o corpo, as capacidades e funcionalidades e a trajetória de vida, além dos amortecedores sociais, através de diálogos com os pares e amigos atuando de forma compreensiva e positiva para esse grupo. Estudos ressaltam que quando o adolescente possui pensamentos positivos em relação as suas capacidades e ao seu próprio corpo, o mesmo se torna mais confiante e seguro, de modo a valorizar a imagem corporal positiva (SEEKIS; KENNEDY, 2023; SEEKIS; LAWRENCE, 2023; JAKATDAR; CASH; ENGLE, 2006). Evens, Stutterheim e Alleva, (2021) destacam ainda que pensamentos positivos atuando como filtros cognitivos da imagem corporal promovem uma maior satisfação e apreciação para além da aparência física.



Segundo McCabe, Ricciardelli E Ridge (2006) é importante que adolescentes compartilhem suas inquietações com quem se sintam seguros, seja os pares, responsáveis, ou apoio profissional. Inquietações sobre o corpo e aparência podem afetar a imagem corporal de adolescentes, principalmente em adolescentes com deficiência visual, atuando diretamente na autoestima, a autoconfiança e o bem-estar emocional (SÖDERSTRÖM; YTTERHUS, 2006). Essa troca através da conversa pode auxiliar na desconstrução de padrões irreais de beleza, na promoção da autoaceitação, construção da autoconfiança e valorização de si mesmo (VENDEMIA; ROBINSON, 2022; SMITH et al., 2022).

## **8.2 Categoria 2 – Mídia e imagem Corporal**

A presente categoria se desenvolve relacionando as mensagens midiáticas de corpo à influência na imagem corporal dos adolescentes com deficiência visual. Na contemporaneidade, a palavra "mídia" engloba um conceito multifacetado que abrange áreas, formas de comunicação, conteúdos, plataformas e transmissão de mensagens, que, mesmo de forma distinta, atuam em conjunto para um propósito em comum (HJARVARD, 2012).

Na contemporaneidade, as mídias sociais e digitais têm ganhado popularidade crescente devido às suas características únicas de acesso, que as destacam significativamente da mídia tradicional. Entre essas características está a presença dos usuários que podem se manifestar, interagir e apresentar uma versão idealizada de si mesmos, através de fotos e vídeos editados e aprimorados, removendo as imagens consideradas pouco atraentes (FARDOULY; VARTANIAN, 2016).

Tiggemann (2022) relata que um dos pontos cruciais para a manipulação de imagens em mídias sociais no âmbito digital é a facilidade de aprimorar imagens. Comparado com tempos anteriores, em que era necessário o domínio de diversas ferramentas para a manipulação de imagens, nos dias atuais, as próprias mídias sociais possuem ferramentas embutidas, intituladas de filtros, que têm a capacidade de fornecer uma matriz de recursos de edição com poucos cliques.

A exposição e manipulação de imagens podem afetar negativamente a imagem corporal das pessoas, gerando implicações na percepção corporal de forma imediata.

Pensando nisso, os pesquisadores expuseram aos participantes uma situação sobre a influência das mensagens midiáticas na forma de perceber o próprio corpo. Isso, conseqüentemente, poderia gerar impacto na imagem corporal. Então, foi perguntado aos participantes se isso era possível de acontecer e se havia ocorrido com eles.

Acho que sim e pode com muita facilidade (G3, P3)

Pode muito (G2, P5)

Com certeza (G2, P3)

Chama a atenção que todos os alunos que se sentiram confortáveis para responder à questão confirmaram que a mídia pode, sim, influenciar a maneira como adolescentes percebem o seu corpo. Mingoia *et al.* (2017) mencionam que adolescentes gastam, em média, três horas por dia consumindo mídias sociais, e esse consumo excessivo demonstra que esse comportamento acaba fazendo parte do cotidiano da vida e influenciando o desenvolvimento e as percepções do adolescente (JARMAN *et al.*, 2021).

É comum que o fluxo contínuo de imagens e mensagens midiáticas cause desconforto em relação ao corpo e aparência dos adolescentes. De acordo com Opara e Santos (2019), adolescentes tendem a ter maior probabilidade de comparar desfavoravelmente seus próprios corpos com as imagens da mídia, ainda mais quando estão relacionadas aos espaços das mídias sociais que oferecem um espaço oportuno para comparações com celebridades e pares que estejam em determinado padrão corporal mais aceito pela mídia.

Por exemplo, na rede social, vamos pegar essa mídia aí e vamos imaginar um tipo, um padrão de pessoa, vamos imaginar que a pessoa seja lá. Sei lá, baixa com uma tonalidade de cor que tipo assim, todo mundo meio que vira o olho e um pouco gordinha... Obviamente que se essa pessoa vê em qualquer rede social que ela for, uma pessoa meio que ao contrário dela, magra e tudo mais, e tipo tendo tudo que ela não tem. Obviamente que isso vai afetar ela de alguma forma, né? No caso aí mostra o tipo de dano que uma mídia social pode fazer a uma pessoa. Que o pensamento dela muda, ela quer mudar e acaba estragando a própria vida. (G3, P3).

A reflexão do aluno remete aos impactos que os padrões observados nas mídias sociais podem ocasionar ao indivíduo, levando-o a adotar comportamentos que possam ser prejudiciais para sua saúde e integridade física. A insatisfação corporal, gerada pela comparação da realidade com as mensagens midiáticas, pode ocasionar transtornos

alimentares, depressão, ansiedade, perda de ânimo e perda da vontade de viver (HAWES; ZIMMER-GEMBECK; CAMPBELL, 2020; THORISDOTTIR *et al.*, 2019; SADAGHEYANI; TATARI, 2021).

A teoria sociocultural aponta que os padrões corporais e de beleza sempre estiveram presentes na sociedade, sendo um fator determinante no desenvolvimento da imagem corporal (THOMPSON *et al.*, 1999). A mídia valoriza a propagação desses ideais de beleza, sendo, para as mulheres, um corpo magro e, para os homens, um corpo musculoso. Essa pressão por alcançar esses padrões ganha ainda mais força no período da adolescência (RODGERS; ROUSSEAU, 2022).

eu acho que é mais da mídia que define um padrãozinho e a pessoa tem que ser branca, magra, olhos azuis, cabelos loiros e tal. Daí acho que as pessoas ficam meio que se botando pra baixo, porque não é desse jeito. Mas acho que não é a mídia que define o padrão. Ela pode influenciar para o mal quanto pode influenciar bem. (G2, P2)

Diante dessa temática de padrões impostos pela mídia, os participantes foram convidados a refletir se as mensagens midiáticas de corpo os haviam incomodado em algum momento durante a adolescência. Evidências sugerem que, durante a adolescência, indivíduos experimentaram pelo menos uma vez resultados negativos relacionados às mensagens midiáticas de corpo (LEGGETT-JAMES; LAURSEN, 2023; SHARP; GERRARD, 2022; RODGERS; ROUSSEAU, 2022).

Eu acho que já aconteceu com todo mundo, sabe? Porque é uma coisa que a gente vê, acha maneiro e quer também. (G2, P5).

Influencia em muita Coisa, né? Até porque que ninguém posta foto sem filtro. (G3, P1).

Quando questionados sobre em que aspecto as mensagens midiáticas de corpo trouxeram sentimentos negativos, um participante chamou atenção em relação ao seu cabelo. Sentimentos relacionados ao corpo, levando em consideração características físicas, podem ser mais complexos de se manifestar, pois o corpo é algo inerente ao indivíduo e, desta forma, o impacto negativo é experienciado de forma mais intensa (TOFFOLETTI; THORPE, 2021).

Aconteceu comigo. O meu cabelo é cacheado daí a mídia dizia que tem que ter cabelo liso. Daí eu queria ter cabelo liso, só que eu nasci de cabelo cacheado e agora eu entendo que eu nasci assim. A beleza tá no cabelo cacheado... Mas a

gente fica meio frustrada, né? Porque tipo, a gente quer ter uma coisa que a gente não tem e daí a gente acaba fazendo coisas com o nosso cabelo, com o nosso corpo, que acaba prejudicando ele só porque ele foi influenciado. Isso é uma coisa ruim. (G2, P2).

Adolescentes com deficiência visual podem ser influenciados pela mídia de forma direta, quando o consumo das mensagens da mídia relacionadas ao corpo acontece por parte do indivíduo, ou de forma indireta, quando o consumo midiático ocorre pela família ou pelos pares, gerando comentários desagradáveis para o adolescente, que podem ocasionar sentimentos de inferioridade ou subestimação (ARGYROPOULOS; SIDERIDIS; KATSOULIS, 2008).

É assim comigo. As vezes acontece quando eu estou falando para alguém que eu sei fazer coisas e a pessoa fica duvidando de mim. Por exemplo, eu falo assim eu sei correr, eu sei nadar. Aí a pessoa fica falando não sabe não, não sabe não, eu acho que isso me influencia. Só que eu não sei como. Como que eu posso ajudar essas pessoas que falam isso de mim? Então eu fico meia chorosa. Eu sempre fico me perguntando por quê? Por que essas pessoas falam isso? (G1, P6).

A ausência ou redução do fator visual não impede que mensagens visuais transmitidas pela mídia afetem adolescentes com deficiência visual. Pode-se observar que os fatores mídia, pais, pares e outros atuam de forma complementar no comprometimento da imagem corporal desses jovens, não só em relação à aparência física e corpo, mas também em questionamentos sobre a capacidade e a valorização do que pode ser feito (MORGAGO *et al.*, 2019).

A valorização dos movimentos, da independência e mobilidade são elementos cruciais para a imagem corporal positiva desses jovens. Comentários oriundos da mídia que subestimem o potencial e o que pode ou não ser feito, duvidando da autonomia, podem impactar diretamente na imagem corporal desses indivíduos (DELLA LÍBERA; JURBERG, 2017; MORGADO; FERREIRA, 2009). É necessário que, ao invés de críticas e dúvidas, ocorra o estímulo de explorar capacidades, evidenciando principalmente suas qualidades.

Após os estudantes relatarem que as mensagens midiáticas de corpo poderiam influenciá-los e narrarem sua experiência pessoal, os moderadores perguntaram como eles lidavam com os efeitos dessas mensagens e se possuíam alguma estratégia para diminuir sentimentos negativos em relação ao corpo e à imagem corporal.

### 8.3 Categoria 3 – Evocações sobre o corpo: Conceitos e Valores

A partir das análises das informações contidas no Quadro 2, foi possível a formação de três subcategorias – (1) Aspectos físicos do corpo; (2) Atitudes em relação ao corpo; (3) Aspectos cognitivos relacionados ao corpo afetivas.

#### 8.3.1 Aspectos físicos do corpo

Foi observado, durante a dinâmica, que alguns adolescentes se sentiram um pouco incomodados ao refletir sobre o seu próprio corpo e sua aparência. Esse fato ocorreu em todos os três grupos. Quando estimulados e incentivados a refletirem sobre as três primeiras palavras, mencionavam que não sabiam o que dizer, mesmo refletindo sobre algum aspecto.

Como a dinâmica foi realizada de forma falada, observou-se que alguns alunos se sentiam envergonhados ao citar o que realmente pensavam em relação aos seus próprios corpos e, assim, reproduziam o que outros colegas haviam mencionado anteriormente. Quando alguma característica corporal era citada, surgia em um tom tímido ou desmotivado. A Figura 5 abaixo demonstra as palavras relacionadas com a aparência física que foram citadas em ambos os grupos.

Para Huebscher (2010), a autoaceitação se dá a partir do momento em que o adolescente aceita plenamente suas características físicas, qualidades e defeitos, levando em consideração que tudo aquilo faz parte de quem ele é. Esse processo de autoaceitação favorece o fortalecimento dos filtros protetivos da imagem corporal, visto que o indivíduo se compreende em sua totalidade, como um ser único.

Estudos prévios (CLAY; VIGNOLES; DITTMAR, 2005; JANKAUSKIENE; BACEVICIENE, 2019) demonstram que o processo de autoaceitação, em conjunto com a manutenção da autoestima, pode ocasionar o crescimento pessoal e amadurecimento, refletindo na imagem corporal positiva, sendo, deste modo, essencial no período da adolescência. Outros estudos (CHANG *et al.*, 2019; GUEST *et al.*, 2022) mencionam que a autoestima está associada ao bem-estar e às sensações, emoções e vivências do indivíduo de forma plena, refletindo na forma como ele percebe o mundo.

A dificuldade de perceber, reconhecer e verbalizar o próprio corpo pode refletir de forma negativa na autoestima de adolescentes com deficiência visual. Entretanto, no presente estudo, quase todos os alunos que mencionaram características físicas também

atribuíram ao corpo algum significado voltado ao movimento e atributos físicos, como o exemplo:

Eu sou, baixo porque eu tenho um metro e sessenta e eu considero isso baixo. Não sei minha estatura, ou seja, eu não sei se eu sou gordo se sou magro, porque até isso eu não consigo identificar, mesmo me olhando no espelho. E aí, o que mais tinha que eu tinha pensado... é movimentação rápida que eu tenho. (G2, P3)

Schipper, Lieberman e Moody (2017) explicitam que, quando adolescentes com deficiência visual estão inseridos em outras atividades que explorem seus corpos em uma perspectiva de ação, como por exemplo, a prática de esportes e atividades físicas, preocupações com a aparência se tornam menos relevantes. Augestad (2017) destaca ainda que, para que adolescentes com deficiência visual tenham uma boa autoestima, experiências de cooperação, mobilidade e independência são cruciais.

Em complemento, Schmidek, Schmidek e Pedrão (2019) evidenciam que indivíduos com deficiência visual compreendem melhor o seu corpo a partir das experiências vivenciadas e das relações que estabelecem ao longo do tempo, e, a partir disso, podem se apropriar e se reconhecer em todas as dimensões. Nesse ponto, a Educação Física Escolar possui subsídios para auxiliar adolescentes com deficiência visual a identificar seus corpos, a partir de experiências corporais, tendo como um dos objetivos a manutenção da imagem corporal positiva (ALVES; HAEGELE; DUARTE, 2018).

### 8.3.2 Atitudes em relação ao corpo

A segunda categoria da dinâmica de evocações sobre o corpo refere-se aos aspectos atitudinais. As palavras mencionadas sugerem conteúdos sobre o que um corpo pode realizar e vivenciar, de acordo com a rotina e vida dos estudantes no ambiente escolar e fora dele, levando em consideração o período da vida em que os mesmos estão inseridos.

A escola pode oportunizar aos seus alunos e à comunidade externa a participação de diversas atividades de extensão extracurriculares, entre elas, música, arte e esportes. Um corpo capaz de se expressar, de modo que o indivíduo entenda o que o corpo pode fazer, seja através da arte teatral, dança ou música, pode desenvolver de forma

significativa a imagem corporal positiva desse adolescente (COUTINHO, 2010; OLIVER, 2008).

De acordo com Cunha (2008), é preciso estimular a descoberta da expressividade de indivíduos com deficiência visual, de modo a colaborar para a criação de uma forma única de se expressar para o mundo. Em adolescentes com deficiência visual, o domínio da expressão corporal é capaz de contribuir para a formação de uma identidade mais sólida e manutenção da autoestima. Isso ocorre pelo senso de autonomia e competência do próprio corpo (CASTANHO, 2003; CUNHA, 2008; MOHAMMAD YUSEF; SHARIFI DARAMADI; AGHAIE, 2018).

Os temas de cuidado, vaidade e namoro podem estar relacionados ao período da vida em que esses indivíduos estão vivendo, ou seja, a adolescência. Nesse período, é comum que ocorra maior consciência sobre a aparência e o corpo, e também há tendência a comparações com os pares, perseguição de padrões corporais e influências de fatores culturais e sociais, dentre eles, a mídia (ROBERTS *et al.*, 2022).

A vaidade na adolescência é um fenômeno multifacetado e ocorre comumente como uma parte natural do desenvolvimento do indivíduo, tendendo a aumentar quando se inicia o interesse em relações interpessoais, como o namoro.

Então, eu penso em várias coisas: saúde, estudo e namoro também né? Que a gente que tá na fase da adolescência, é a melhor fase para namorar! (G1, P4)

Os primeiros interesses amorosos podem aumentar o nível de cuidados com o corpo e a preocupação com a aparência, podendo comprometer a imagem corporal desses adolescentes, principalmente pela pressão gerada ao tentar atender determinados padrões corporais propagados pelos pares, pais, mídia e outros fatores. Sendo assim, Rodgers *et al.* (2022) relatam a necessidade de evidenciar ao adolescente o quanto seu corpo é essencial e as possibilidades que ele pode oferecer, não focando apenas na aparência.

As palavras "saúde", "movimentação" e "treino" emergem nas falas dos alunos por serem temáticas centrais das aulas de Educação Física, momento em que os corpos estão em ação e os alunos sentem liberdade para serem quem realmente são. A Educação Física, como componente curricular, pode contextualizar aos alunos a relevância da atividade física regular, mencionar por que é importante uma boa alimentação, ou seja, proporcionar experiências práticas de autocuidado com a saúde e o corpo (MALDONADO, 2022).

Estudos descrevem que adolescentes com deficiência visual valorizam a funcionalidade corporal e, quando praticam algum tipo de atividade física, possuem mais facilidade na manutenção da imagem corporal positiva (DANTAS; QUINTANILHA; MORGADO, 2023; SILVA; WINCKLER, 2022). Corroborando com essa informação, o Instituto Benjamin Constant dispõe de uma pista de atletismo para corrida, arremessos e saltos, um ginásio poliesportivo com cobertura, sala de dança, sala com tatame para lutas, equipamentos para musculação e uma área com duas piscinas, sendo uma maior para os estudantes mais velhos e adultos e outra menor para estudantes mais novos e iniciantes na prática da natação (CARVALHO JUNIOR, 2022).

Devido a tantas oportunidades e recursos para práticas corporais, o corpo e sua movimentação ganham destaque em dinâmicas como a da nuvem de palavras e evocações. Além disso, a instituição tem caráter formador de paratletas de natação, como é o caso da P1 e P2 do grupo 2, que, além de treinarem na escola, também compõem times paralímpicos profissionais de outras instituições. Nesse sentido, a imagem corporal desses jovens atletas pode estar mais atrelada ao desempenho na prática esportiva do que nas características de aparência.

### 8.3.3 Aspectos cognitivos relacionados ao corpo

A terceira categoria da dinâmica de evocações sobre o corpo corresponde aos pensamentos e reflexões sobre o corpo. Ter pensamentos positivos em relação ao corpo pode ser fundamental para a manutenção da autoestima e construção de uma imagem corporal positiva. Esses pensamentos agem como filtros protetivos da imagem corporal. Valorizar o corpo e compreendê-lo para além da aparência é fundamental, e tornou-se notório que a instituição de ensino, com todas as oportunidades ofertadas, estimula os alunos a terem esse autocuidado e respeito com quem eles são.

De acordo com Bruner, Hansen e Heir (2021) e Papadopoulos *et al.* (2015), estar feliz e bem consigo mesmo pode contribuir para que pessoas com deficiência visual tenham mais atitude em realizar tarefas julgadas como complicadas. Isso promove ao indivíduo uma maior sensação de autoeficácia e, conseqüentemente, um maior domínio em lidar com situações difíceis.



Estimular a criança com deficiência visual desde a infância a compreender sua condição e possuir uma boa relação com a imagem corporal pode favorecer, principalmente, o processo de ensino-aprendizagem. Para crianças com deficiência visual, a aprendizagem envolve o desenvolvimento da compreensão do espaço físico ao redor, o aprimoramento da sensibilidade tátil, auditiva e olfativa, indo muito além do conhecimento teórico. Neste sentido, instituições de ensino devem ter uma abordagem pedagógica diferenciada, que é capaz de envolver com totalidade a experiência do aluno no processo de ensino.

#### **8.4 Categoria 4 – Educação Física e mídia**

As reuniões dos grupos focais ocorreram durante as aulas de Educação Física, com a presença dos professores que atuaram também como moderadores. Chamou a atenção que os alunos se sentiram tímidos no início, com a presença de um moderador externo.

A temática "Educação Física" foi abordada em dois momentos na presente pesquisa. No primeiro momento, durante a aplicação do questionário sociodemográfico, os estudantes foram questionados se gostavam das aulas de Educação Física. Caso a resposta fosse positiva, eram convidados a explicar o motivo. O segundo momento ocorreu durante os grupos focais, onde foram questionados se, em alguma aula de Educação Física, os professores abordaram a temática das mensagens midiáticas relacionadas ao corpo.

Nenhum estudante mencionou de forma direta questões relacionadas à mídia ou imagem corporal. Todavia, as aulas podem contribuir para a manutenção da imagem corporal positiva, proporcionando ao aluno um ambiente agradável em que ele pode se expressar e se divertir. Lunde, Reinholdsson e Skoog (2023) evidenciam o quanto a Educação Física é necessária no âmbito escolar, pois promove ao aluno bem-estar físico, emocional e social.

Falkenbach e Lopes (2010) descrevem que, em alguns casos, é comum alunos com deficiência visual optarem por não participar das aulas por não se sentirem incluídos, promovendo a falta de confiança. Ao observarmos os participantes da presente pesquisa, constatou-se que todos gostam de participar das aulas.

Entre os motivos para a participação estão as experiências corporais de movimento, nas quais os adolescentes têm contato com diferentes práticas esportivas. A Educação Física é o único componente curricular que dispõe de conteúdos diversificados, capazes de promover ao estudante a ampliação do repertório motor por meio das vivências das aulas (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2013).

As questões afetivas também fazem a diferença para a adesão às aulas de Educação Física. Ambos os professores, que estiveram presentes no momento da pesquisa, demonstraram uma abordagem afetiva e empática, valorizando a autonomia dos estudantes e sendo capazes de incentivar e motivar a participação ativa nas aulas.

Um dado que chamou a atenção em todos os grupos focais realizados referiu-se ao último momento da reunião. Os participantes foram convidados a refletir se, em algum momento de sua vida escolar, haviam tido contato com a temática das mensagens midiáticas sobre o corpo e maneiras de não se sentirem afetados por essas questões nas aulas de Educação Física.

Não que eu me lembre. (G1, P1)

Acho que nunca comentaram. (G1, P5)

Já perguntou se sentia bem, se a alimentação tava boa, essas coisas assim sobre o corpo, mas ainda não rolou esse assunto. (G2, P4)

Eu nunca tive contato com esse tema, mas em questão dá pra ser falado na aula né? porque Educação Física é justamente uma atividade pra isso, né? Uma atividade obre o corpo. (G3, P1)

A Educação Física escolar, por lidar diretamente com o corpo como objeto de estudo, proporciona um ambiente favorável para fomentar discussões e abordar questões relacionadas à mídia e ao corpo, principalmente com o advento das novas mídias sociais na contemporaneidade. Nesse sentido, é viável a adoção de atividades que possam contribuir para o entendimento e discernimento relacionados aos conteúdos midiáticos de corpo.

Silva e Morgado (2023) evidenciam que trabalhar conteúdos relacionados à *media literacy* na Educação Física escolar pode ser uma alternativa de fator protetivo da imagem corporal em adolescentes. Relatam ainda que estratégias de *media literacy* contribuem para que não ocorra a internalização de mensagens irreais, pois têm como foco a análise crítica e atenção ao propósito e realismo das mensagens midiáticas de corpo.



## **9 LIMITAÇÕES**

Uma das limitações significativas deste estudo foi a comunicação entre o pesquisador e a instituição de ensino. Devido ao acesso restrito à instituição, outros pesquisadores que atuavam no suporte para a realização dos grupos focais não conseguiram comparecer às reuniões; dessa forma, a realização dos grupos focais teve que ser adaptada.

## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática central da presente pesquisa foi identificar os fatores protetivos associados à imagem corporal de adolescentes escolares do Ensino Médio com deficiência visual. Para essa identificação, foi necessário compreender que as mensagens midiáticas relacionadas ao corpo impactavam, de alguma forma, os adolescentes escolares participantes deste estudo. Os achados demonstraram que a mídia e suas mensagens podem, sim, influenciar a imagem corporal de adolescentes com deficiência visual, tanto de forma direta, através do consumo direto das mensagens midiáticas de corpo, quanto de forma indireta, quando amigos e familiares consomem mensagens midiáticas e tecem comentários relacionados ao corpo ou capacidade dos alunos participantes.

Como forma de se proteger das mensagens midiáticas de corpo, os participantes relataram enfatizar pensamentos positivos acerca de si mesmos, valorizando suas capacidades e potencialidades. O fortalecimento dos filtros cognitivos protege os indivíduos contra a influência de padrões midiáticos de corpo, resguardando alterações negativas nos sentimentos relacionados à aparência, além de atuar de forma preventiva no desenvolvimento da insatisfação corporal, contribuindo ainda para uma maior apreciação corporal. Os alunos relataram que, às vezes, é muito difícil filtrar as mensagens de forma autônoma e utilizam do diálogo com os pais, pares e profissionais como forma de favorecer a proteção da imagem corporal positiva.

Os participantes do estudo indicaram que, no contexto atual, as mídias sociais e as plataformas digitais são as mais frequentemente acessadas por eles, devido à facilidade de acesso e ao surgimento de novas plataformas digitais, como o Instagram e TikTok. Entretanto, também foi mencionado que temáticas como o uso dessas mídias, as mensagens midiáticas de corpo e a imagem corporal, nunca foram temas nas aulas de Educação Física, mesmo sendo o único componente curricular que tem o corpo e a atividade física como objetos de estudo.

É essencial que os professores de Educação Física Escolar abordem a temática das mensagens midiáticas de corpo e imagem corporal durante as aulas para auxiliar na compreensão da imagem corporal e manutenção da imagem corporal positiva de adolescentes. A adoção de estratégias baseadas em *media literacy* surge como uma

excelente alternativa para que docentes auxiliem seus alunos na análise crítica e entendimento das mensagens midiáticas.

Além disso, torna-se necessário realizar estudos futuros com a presente população e temática relacionada, principalmente com adolescentes brasileiros, visto que há uma lacuna na literatura sobre a temática em questão. Também é importante o surgimento de cursos de formação ou extensão baseados em *media literacy* e imagem corporal para auxiliar professores a abordarem tais temáticas na escola.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, K.; MCKENZIE, V. Mental health in an Australian context and future interventions from a school belonging perspective. **Special Issue on Mental Health in Australia for the International Journal of Mental Health**, v. 44, n. 2, p. 80-93, 2015.

ALVARES, Poliane Dutra *et al.* Efeitos da puberdade no desempenho de saltos e sprints em jogadores jovens de futsal. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 26, p. 167-171, 2020.

ALVES, Maria Luíza Tanure; DUARTE, Edison. A percepção dos alunos com deficiência sobre a sua inclusão nas aulas de Educação Física escolar: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, p. 329-338, 2014.

ALVES, Maria Luíza Tanure; DUARTE, Edison. Imagem corporal e deficiência visual: um estudo bibliográfico das relações entre a cegueira e o desenvolvimento da imagem corporal. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 30, n. 2, p. 147-154, 2008.

ALVES, Maria Luíza Tanure; HAEGELE, Justin A.; DUARTE, Edison. “We can’t do anything”: The experiences of students with visual impairments in physical education classes in Brazil. **British Journal of Visual Impairment**, v. 36, n. 2, p. 152-162, 2018.

ANDERSEN, N.; SWAMI, V. Science mapping research on body image: A bibliometric review of publications in Body Image, 2004–2020. **Body Image**, v. 38, p. 106-119, 2021.

ANDERSON, R.; WARREN, N.; MISAJON, R. Exploring wellbeing in youth with vision impairment: insights for vision rehabilitation. **Applied Research in Quality of Life**, v. 15, n. 4, p. 1183-1202, 2020.

ANDERSON, Ross *et al.* You need the more relaxed side, but you also need the adrenaline: Promoting physical health as perceived by youth with vision impairment. **Disability and Rehabilitation**, v. 42, n. 6, p. 841-848, 2020.

ANDO, Kanako *et al.* Beauty ideals, social media, and body positivity: A qualitative investigation of influences on body image among young women in Japan. **Body Image**, v. 38, p. 358-369, 2021.

ANDREW, Rachel; TIGGEMANN, Marika; CLARK, Levina. The protective role of body appreciation against media-induced body dissatisfaction. **Body Image**, v. 15, p. 98-104, 2015.

ANIXIADIS, Fay *et al.* Effects of thin-ideal instagram images: The roles of appearance comparisons, internalization of the thin ideal and critical media processing. **Body Image**, v. 31, p. 181-190, 2019.

ARGYROPOULOS, Vassilios S.; SIDERIDIS, Georgios D.; KATSOULIS, Philippos. The impact of the perspectives of teachers and parents on the literacy media selections for independent study of students who are visually impaired. **Journal of Visual Impairment & Blindness**, v. 102, n. 4, p. 221-231, 2008.

ARROYO, Analisa; SOUTHARD, Belinda A. Stillion; MARTZ, Denise. Feminist embodiment, body talk, and body image among mothers and daughters. **Body Image**, v. 41, p. 354-366, 2022.

ASCHIDAMINI, Ione Maria; SAUPE, Rosita. Grupo focal estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. **Cogitare enfermagem**, v. 9, n. 1, 2004.

AUGESTAD, Liv Berit. Self-concept and self-esteem among children and young adults with visual impairment: A systematic review. **Cogent Psychology**, v. 4, n. 1, p. 1319652, 2017.

AUGUSTO, A. Metodologias quantitativas/metodologias qualitativas: mais do que uma questão de preferência. **Fórum Sociológico**, v. 24, p. 73-77, 2014.

AZZARITO, Laura; SIMON, Mara; MARTTINEN, Risto. “Stop photoshopping!”: A visual participatory inquiry into students’ responses to a body curriculum. **Journal of Teaching in Physical Education**, v. 35, n. 1, p. 54-69, 2016.

BARBOSA, André Machado; DE MATTOS, Eduardo Henrique Monzatto; AVELAR, Kátia Eliane Santos. Políticas Públicas de Mobilidade Urbana para Pessoas com Deficiência. **Revista da Seção Judiciária do Rio de Janeiro**, v. 23, n. 45, p. 77-97, 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.



BARKER, D. *et al.* Body image in physical education: a narrative review. **Sport, Education and Society**, p. 1-18, 2022.

BARNHART, Wesley R. *et al.* Integrating the tripartite influence, minority stress, and social comparison theories to explain body image and disordered eating in Chinese sexual minority men and women. **Body Image**, v. 43, p. 95-106, 2022.

BATISTA, Alessandra *et al.* Dimensão atitudinal da imagem corporal e comportamento alimentar em graduandos de educação física, nutrição e estética da cidade de Juiz de Fora-MG. **Revista da Educação Física/UEM**, Minas Gerais, v. 26, p. 69-77, 2015.

BELKNAP, Katriana *et al.* Physical activity and functional body image in youth with and without visual impairments. **British Journal of Visual Impairment**, p. 02646196221099151, 2022.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, 2002.

BETZ, Diana E.; SABIK, Natalie J.; RAMSEY, Laura R. Ideal comparisons: Body ideals harm women's body image through social comparison. **Body Image**, v. 29, p. 100-109, 2019.

BIAZUS, Graziela Ferreira; RIEDER, Carlos Roberto Mello. Uso da Tecnologia Assistiva na Educação Inclusiva no Ambiente Escolar: Revisão Sistemática. **Revista Educação Especial**, v. 32, p. 1-15, 2019.

BLAKEMORE, Sarah-Jayne; MILLS, Kathryn L. Is adolescence a sensitive period for sociocultural processing? **Annual Review of Psychology**, v. 65, p. 187-207, 2014.

BONAVOLONTÀ, Valerio; CATALDI, Stefania; FISCHETTI, Francesco. Changes in body image perception after an outdoor physical education program. **Journal of Physical Education and Sport**, v. 21, p. 632-637, 2021.

BORGES, Wanessa Ferreira; MENDES, Eniceia Gonçalves. Recursos de acessibilidade e o uso dos dispositivos móveis como tecnologia assistiva por pessoas com baixa visão. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27, 2021.

BOURNE, Rupert RA *et al.* Magnitude, temporal trends, and projections of the global prevalence of blindness and distance and near vision impairment: a systematic review and meta-analysis. **The Lancet Global Health**, v. 5, n. 9, p. e888-e897, 2017.

BRASIL. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União** [...]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 20 out 2022.

BRASIL. Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. **Diário Oficial da União** [...]. Brasília, 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em: 20 out 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília, 2017a. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: out. 2022.

BRUNES, Audun; HANSEN, Marianne B.; HEIR, Trond. General self-efficacy in individuals with visual impairment compared with the general population. **PLoS One**, v. 16, n. 7, p. e0254043, 2021.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia; NASCIMENTO, Ricardo Augusto Lins do. Política de Acessibilidade: o que dizem as pessoas com deficiência visual. **Educação & Realidade**, v. 44, 2019.

BUSANELLO, Josefine et al. Grupo focal como técnica de coleta de dados. **Cogitare Enfermagem**, v. 18, n. 2, p. 358-364, 2013.

CAMPANA, Angela Nogueira Neves Betanho; TAVARES, Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes. Avaliação da imagem corporal: instrumentos e diretrizes para a pesquisa. São Paulo: Phorte Editora, 2009.

CAMPANA, Angela Nogueira Neves Betanho; TAVARES, Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes; GARCIA JÚNIOR, Celso. Preocupação e insatisfação com o corpo, checagem e evitação corporal em pessoas com transtornos alimentares. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 22, p. 375-381, 2012.

CARAN, Gustavo; ARAÚJO, Ronaldo; TRAVIESO-RODRÍGUEZ, Crispulo. Identity and interactive health communication: the discourse of people with low vision on the social networks. **Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud (ACIMED)**, v. 30, n. 4, p. 1-19, 2019.

CARAN, Gustavo Miranda; ARRAIS, Marcos. Grupos do Facebook para o Suporte Social de Pessoas com Baixa Visão: uma análise de redes sociais baseada nas relações de amizade. **Ciência da Informação em Revista**, v. 2, n. 1, p. 34-43, 2015.

CARTER, Jeanne J.; VARTANIAN, Lenny R. Self-concept clarity and appearance-based social comparison to idealized bodies. **Body Image**, v. 40, p. 124-130, 2022.

CARVALHO JUNIOR, Arlindo Fernando Paiva. A orientação e mobilidade nas aulas de educação física: saberes de experiência (des) construídos no Instituto Benjamin Constant. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v. 9, n. 2, p. 39-52, 2022.

CARVALHO, Pedro Henrique Berbert de *et al.* Checagem corporal, atitude alimentar inadequada e insatisfação com a imagem corporal de jovens universitários. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 62, p. 108-114, 2013.

CASH, T. F., SMOLAK, L. **Body Image: A handbook of science, practice, and prevention**. 2. ed. New York, NY: The Guilford Press, 2011.

CASH, T.F.; PRUZINSKY, T. **Body Image: A handbook of theory, research, and clinical practice**. New York, NY: The Guilford Press, 2002.

CASTANHO, Antonieta Ribeiro da Silva Prates et al. Gestos não-verbais espontâneos e canais de expressão emocional voluntária em deficientes visuais. **Benjamin Constant**, n. 26, 2003.

CAVALIERI, Marcela Geadá. ESTRATÉGIA DE MOBILIDADE URBANA PARA A LOCOMOÇÃO INDEPENDENTE DE PORTADORES DE DEFICIÊNCIA VISUAL, PORTADORES DE ACUIDADE VISUAL REDUZIDA E/OU ANALFABETOS EM TRANSPORTES PÚBLICOS DOS ESTADOS BRASILEIROS. **Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e do Seminário Capixaba de Educação Inclusiva**, v. 1, p. 734-738, 2016.

CHAE, H. Factors associated with body image perception of adolescents. **Acta Psychologica**, v. 227, p. 103620, 2022.

CHANG, Leanne et al. A study of Singapore adolescent girls' selfie practices, peer appearance comparisons, and body esteem on Instagram. **Body image**, v. 29, p. 90-99, 2019.

CLAY, Daniel; VIGNOLES, Vivian L.; DITTMAR, Helga. Body image and self-esteem among adolescent girls: Testing the influence of sociocultural factors. **Journal of research on adolescence**, v. 15, n. 4, p. 451-477, 2005.

CORNELISSEN, Katri K. *et al.* Are attitudinal and perceptual body image the same or different? Evidence from high-level adaptation. **Body Image**, v. 31, p. 35-47, 2019.

COSTA, Marina Teixeira Mendes de Souza; ABREU, Fabrício Santos Dias de; SILVA, Daniele Nunes Henrique. Crianças com deficiência visual e suas atividades criadoras: contribuições da perspectiva histórico-cultural. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, 2021.

COUTINHO, Maria de Fátima Goulart. Crescimento e desenvolvimento na adolescência. **Revista de pediatria SOPERJ**, v. 12, n. 1, p. 28-34, 2011.

COUTINHO, Paulo Roberto de Oliveira. A educação musical no processo de reabilitação do deficiente visual. **Benjamin Constant**, n. 46, 2010.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. The promise of positive psychology. **Psihologijske teme**, v. 18, n. 2, p. 203-211, 2009.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly; SELIGMAN, M. Positive psychology. **American psychologist**, v. 55, n. 1, p. 5-14, 2000.

CUNHA, Marlíria Flávia Coelho. Em busca da expressividade: o teatro e o deficiente visual. **Benjamin Constant**, n. 41, 2008.

DA FONSECA MARTINS, Denise; NUNES, Maiana Farias Oliveira; NORONHA, Ana Paula Porto. Satisfação com a imagem corporal e autoconceito em adolescentes. **Psicologia: teoria e pratica**, v. 10, n. 2, p. 94-105, 2008.

DA SILVA BASTOS, Karolina Vieira; MUÑOZ, Ivette Kafure; RAPOSO, Patrícia Neves. Desafios para as pessoas com deficiência visual no acesso à informação digital. **Informação & Informação**, v. 25, n. 2, p. 277-301, 2020.

DANTAS, Marcela da Silva Vieira; QUINTANILHA, Augusta Karla Silva; MORGADO, Fabiane Frota da Rocha. Autoaceitação e educação física escolar: narrativas de adolescentes com deficiência visual. **Educação: Teoria e Prática**, v. 33, n. 66, p. e34, 2023.

DAOLIO, Jocimar. Educação física escolar: em busca da pluralidade. **Revista Paulista de Educação Física**, p. 40-42, 1996.

DARIDO, Suraya Cristina. **Os conteúdos da Educação Física na escola**. Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 64-79.

DE ARAÚJO, Allyson Carvalho *et al.* Mídia e tecnologia no currículo de Educação Física: um estudo exploratório em diálogo internacional. **Currículo sem Fronteiras**, v. 21, n. 3, p. 1768-1785, 2021.

DE ARAUJO, Sonia Maria Dutra. Elementos para se pensar a educação dos indivíduos cegos no Brasil: A história do instituto Benjamin Constant. **Benjamin Constant**, n. 2, 1996.

DE CARVALHO, Renata Silva; AMARAL, Ana Carolina Soares; FERREIRA, Maria Elisa Caputo. Transtornos alimentares e imagem corporal na adolescência: uma análise da produção científica em psicologia. **Psicologia: teoria e prática**, v. 11, n. 3, p. 200-223, 2009.

DE COEN, Jolien; VERBEKEN, Sandra; GOOSSENS, Lien. Media influence components as predictors of children's body image and eating problems: A longitudinal study of boys and girls during middle childhood. **Body Image**, v. 37, p. 204-213, 2021.

DE LIMA, Gabriella Campos Jannini; DA SILVA, Luciana Maria. Relações entre corpo, mídia e saúde mental: significações de corpos midiáticos no Instagram. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 9, n. 2, p. 786-797, 2021.

DE OLIVEIRA SANTOS, Andreisa Jacinto; DE CASTRO, Sandra Andrade. Autoestima a partir do caminhar: orientação e mobilidade da pessoa com deficiência visual. **Benjamin Constant**, n. 54, 2013.

DE SOUSA, G.R.; BORGES, E.M. Perspectivas histórico-sociais no campo da mídia-educação: contribuições para a formação em Educação Física. **Motrivivência**, v. 30, n. 55, p. 194-207, 2018.

DE VALLE, Madelaine K. et al. Social media, body image, and the question of causation: Meta-analyses of experimental and longitudinal evidence. **Body Image**, v. 39, p. 276-292, 2021.

DELLA LÍBERA, Bianca; JURBERG, Claudia. Teenagers with visual impairment and new media: A world without barriers. **British Journal of Visual Impairment**, v. 35, n. 3, p. 247-256, 2017.

DIELH, Rosilene Moraes. Imagem corporal: corporeidade da pessoa com deficiência visual. In: **Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. 2007.

EDWARDS, Christian *et al.* Predicting muscularity-related behavior, emotions, and cognitions in men: The role of psychological need thwarting, drive for muscularity, and mesomorphic internalization. **Body Image**, v. 18, p. 108-112, 2016.

EIRAS, Luciana F.G. *et al.* Construção da imagem corporal em deficientes visuais. **Rev Arq Mov**, v. 8, n. 2, p. 94-110, 2012.

ESPINEL, Francisco Antonio Bracho. Riesgos de internet para el desarrollo psicosocial de estudiantes en la adolescencia temprana y media. **REDHECS: Revista electrónica de Humanidades, Educación y Comunicación Social**, v. 13, n. 25, p. 79-100, 2018.

ESPINOZA, P.; PENELO, E.; RAICH, R.M. Prevention programme for eating disturbances in adolescents. Is their effect on body image maintained at 30 months later? **Body Image**, v. 10, n. 2, p. 175-181, 2013.

EVENS, Ornella; STUTTERHEIM, Sarah E.; ALLEVA, Jessica M. Protective filtering: A qualitative study on the cognitive strategies young women use to promote positive body

image in the face of beauty-ideal imagery on Instagram. **Body Image**, v. 39, p. 40-52, 2021.

FALKENBACH, Atos Prinz; LOPES, Elaine Regina. Professores de educação física diante da inclusão de alunos com deficiência visual. **Pensar a prática**, v. 13, n. 3, 2010.

FARDOULY, Jasmine; VARTANIAN, Lenny R. Social media and body image concerns: Current research and future directions. **Current opinion in psychology**, v. 9, p. 1-5, 2016.

FERNÁNDEZ-BUSTOS, Juan Gregorio et al. Effect of physical activity on self-concept: Theoretical model on the mediation of body image and physical self-concept in adolescents. **Frontiers in psychology**, v. 10, p. 1537, 2019.

FESTINGER, L. A theory of social comparison processes. **Human Relations**, ano 7, v. 2, n. 11, p. 7-40, 1954.

FONSECA, Ricardo Tadeu Marques da. O novo conceito constitucional de pessoa com deficiência: um ato de coragem. **Revista do TRT da 2ª Região**, São Paulo, n.10, p. 37-77, 2012.

FORD, Thomas E. *et al.* The role of internalization of gender norms in regulating self-evaluations in response to anticipated delinquency. **Social Psychology Quarterly**, p. 202-212, 2002.

FORTES, Leonardo de Sousa *et al.* Associação da internalização dos padrões corporais, sintomas depressivos e comportamento alimentar restritivo em jovens do sexo masculino. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, p. 3457-3466, 2015.

FRANKO, Debra L. *et al.* Internalization as a mediator of the relationship between conformity to masculine norms and body image attitudes and behaviors among young men in Sweden, US, UK, and Australia. **Body Image**, v. 15, p. 54-60, 2015.

GALLAHUE, David, L; OZMUN, John, C; GOODWAY, Jacqueline, D. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor: Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos**. 7. ed. São Paulo: AMGH Editora Ltda, 2013.

GATTARIO, Kristina Holmqvist; FRISÉN, Ann. From negative to positive body image: Men's and women's journeys from early adolescence to emerging adulthood. **Body Image**, v. 28, p. 53-65, 2019.

GATTI, B. A. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 12, p. 149-161, 2002.

GORDON, Chloe S. *et al.* A cluster randomized controlled trial of the SoMe social media literacy body image and wellbeing program for adolescent boys and girls: Study protocol. **Body Image**, v. 33, p. 27-37, 2020.

GUEST, Ella *et al.* A systematic review of interventions aiming to promote positive body image in children and adolescents. **Body Image**, v. 42, p. 58-74, 2022.

HAEGELE, J.; ZHU, X. Body image and physical education: Reflections of individuals with visual impairments. **European Physical Education Review**, p. 1-15, 2018.

HALLIWELL, Emma *et al.* Evaluating the impact of a brief yoga intervention on preadolescents' body image and mood. **Body image**, v. 27, p. 196-201, 2018.

HARRIGER, Jennifer A. *et al.* The dangers of the rabbit hole: Reflections on social media as a portal into a distorted world of edited bodies and eating disorder risk and the role of algorithms. **Body Image**, v. 41, p. 292-297, 2022.

HARRIGER, Jennifer A.; THOMPSON, J. Kevin; TIGGEMANN, Marika. TikTok, TikTok, the time is now: Future directions in social media and body image. **Body Image**, v. 44, p. 222-226, 2023.

HAWES, Tanya; ZIMMER-GEMBECK, Melanie J.; CAMPBELL, Shawna M. Unique associations of social media use and online appearance preoccupation with depression, anxiety, and appearance rejection sensitivity. **Body Image**, v. 33, p. 66-76, 2020.

HJARVARD, Stig. Mídiação: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 5, n. 2, p. 53-91, 2012.



HOFFMANN, Svenja; WARSCHBURGER, Petra. Prospective relations among internalization of beauty ideals, body image concerns, and body change behaviors: Considering thinness and muscularity. **Body Image**, v. 28, p. 159-167, 2019.

HOSSEINI, S. A.; PADHY, R. K. **Body Image Distortion**. [S.l.]: StatPearls Publishing, 2019.

HUEBSCHER, Brenda C. Relationship between Body Image and Self Esteem Among Adolescent Girls. **The Journal Of Social Psychology**, v. 146, p. 15-30, 2010.

INTERDONATO, Giovanna Carla; GREGUOL, Márcia. Auto-análise da imagem corporal de adolescentes com deficiência visual sedentários e fisicamente ativos. **Conexoes**, v. 7, n. 3, p. 1-13, 2009.

JAKATDAR, Tejal A.; CASH, Thomas F.; ENGLE, Erin K. Body-image thought processes: The development and initial validation of the Assessment of Body-Image Cognitive Distortions. **Body image**, v. 3, n. 4, p. 325-333, 2006.

JANKAUSKIENE, Rasa; BACEVICIENE, Migle. Body image concerns and body weight overestimation do not promote healthy behaviour: evidence from adolescents in Lithuania. **International journal of environmental research and public health**, v. 16, n. 5, p. 864, 2019.

JARMAN, Hannah K. et al. Social media, body satisfaction and well-being among adolescents: A mediation model of appearance-ideal internalization and comparison. **Body Image**, v. 36, p. 139-148, 2021.

JARMAN, Hannah K. *et al.* The impact of completing body image assessments on adolescents' body image and engagement in body change strategies: Harmful or harmless? **Body Image**, v. 39, p. 131-138, 2021.

JEONG, Se-Hoon; CHO, Hyunyi; HWANG, Yoori. Media literacy interventions: A meta-analytic review. **Journal of Communication**, v. 62, n. 3, p. 454-472, 2012.

JUNG, Jaehee *et al.* Social media usage and body image: Examining the mediating roles of internalization of appearance ideals and social comparisons in young women. **Computers in Human Behavior**, v. 135, p. 107357, 2022

KAPLAN-MYRTH, Nili. Alice without a looking glass: Blind people and body image. **Anthropology & Medicine**, v. 7, n. 3, p. 277-299, 2000.

KARAZSIA, Bryan T.; MURNEN, Sarah K.; TYLKA, Tracy L. Is body dissatisfaction changing across time? A cross-temporal meta-analysis. **Psychological Bulletin**, v. 143, n. 3, p. 293, 2017.

KEERY, Helene *et al.* The impact of appearance-related teasing by family members. **Journal of Adolescent Health**, v. 37, n. 2, p. 120-127, 2005.

KERNER, Charlotte *et al.* A systematic review exploring body image programmes and interventions in physical education. **European Physical Education Review**, 2022.

KERNER, Charlotte; HAERENS, Leen; KIRK, David. Understanding body image in physical education: Current knowledge and future directions. **European Physical Education Review**, v. 24, n. 2, p. 255-265, 2018.

KIYOKAWA, Yasushi; KAWAI, Kazuma; TAKEUCHI, Yukari. The benefits of social buffering are maintained regardless of the stress level of the subject rat and enhanced by more conspecifics. **Physiology & Behavior**, v. 194, p. 177-183, 2018.

KOLTAY, Tibor. The media and the literacies: Media literacy, information literacy, digital literacy. **Media, Culture & Society**, v. 33, n. 2, p. 211-221, 2011.

KONARSKA, Joanna. Sources of social activity of people with visual and motor impairments. **Social Behavior and Personality: an international journal**, v. 33, n. 8, p. 751-766, 2005.

LEE, Sang Hoon *et al.* Googling social interactions: Web search engine based social network construction. **Plos one**, v. 5, n. 7, p. e11233, 2010.

LEGETT-JAMES, Mary Page; LAURSEN, Brett. The consequences of social media use across the transition into adolescence: body image and physical activity. **The Journal of Early Adolescence**, v. 43, n. 7, p. 947-964, 2023.

LEMOS, Francisco Mendes; FERREIRA, Paulo Felicíssimo. Instituto Benjamin Constant uma história centenária. **Benjamin Constant**, n. 1, 1995.

LERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. *Rev. Esc. Enf., USP*, 35 (2):115- 21, jun 2001.

LOURENÇO, Benito; QUEIROZ, Lígia Bruni. Crescimento e desenvolvimento puberal na adolescência. **Revista de Medicina**, v. 89, n. 2, p. 70-75, 2010.

LUNDE, Carolina; REINHOLDSSON, Tommy; SKOOG, Therése. Unexcused absence from physical education in elementary school. On the role of autonomous motivation and body image factors. **Body image**, v. 45, p. 229-237, 2023.

MAHON, Ciara; HEVEY, David. Processing body image on social media: Gender differences in adolescent boys' and girls' agency and active coping. **Frontiers in psychology**, v. 12, p. 626763, 2021.

MALDONADO, Daniel Teixeira. Educação Física Escolar, corpo e saúde: problematizações a partir das Ciências Humanas. **Corpoconsciência**, p. 1-19, 2022.

MANN, Rachel Besharat; BLUMBERG, Fran. Adolescents and social media: The effects of frequency of use, self-presentation, social comparison, and self esteem on possible self imagery. **Acta Psychologica**, v. 228, p. 103629, 2022.

MARCELINO, Maria Quitéria dos Santos; CATÃO, Maria de Fátima Fernandes Martins; LIMA, Claudia Maria Pereira de. Representações sociais do projeto de vida entre adolescentes no ensino médio. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 29, p. 544-557, 2009.

MARKEY, Charlotte H.; DANIELS, Elizabeth A. An examination of preadolescent girls' social media use and body image: Type of engagement may matter most. **Body image**, v. 42, p. 145-149, 2022.

MARQUES, Andressa Regina; BARBOSA, Jaqueline Almeida Guimarães. A experiência da graduação por uma pessoa com deficiência: reflexões para se avançar na inclusão e acessibilidade. **Revista Docência do Ensino Superior**, v. 12, p. 1-16, 2022.

MARTINS, L. P. Definições. *In*: RESENDE, A. P. C.; VITAL, F. M. P. (org.). **A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência Comentada**. Brasília: CORDE, 2008. p. 28-30.

MAZZONI, Alberto Angel; TORRES, Elisabeth Fátima. A percepção dos alunos com deficiência visual acerca das barreiras existentes no ambiente universitário e seu entorno. **Benjamin Constant**, n. 30, 2005.

MCCABE, Marita P.; RICCIARDELLI, Lina A.; RIDGE, Damien. “Who thinks I need a perfect body?” Perceptions and internal dialogue among adolescents about their bodies. **Sex roles**, v. 55, p. 409-419, 2006.

MCCREARY, Donald R.; SAUCIER, Deborah M. Drive for muscularity, body comparison, and social physique anxiety in men and women. **Body Image**, v. 6, n. 1, p. 24-30, 2009.

MCLEAN, Siân A.; PAXTON, Susan J.; WERTHEIM, Eleanor H. Does media literacy mitigate risk for reduced body satisfaction following exposure to thin-ideal media? **Journal of youth and adolescence**, v. 45, n. 8, p. 1678-1695, 2016.

MCLEAN, Siân A.; PAXTON, Susan J.; WERTHEIM, Eleanor H. Mediators of the relationship between media literacy and body dissatisfaction in early adolescent girls: Implications for prevention. **Body Image**, v. 10, n. 3, p. 282-289, 2013.

MINGOIA, John et al. The relationship between social networking site use and the internalization of a thin ideal in females: A meta-analytic review. **Frontiers in psychology**, v. 8, p. 1351, 2017.

MINTO, Elaine Cristina *et al.* Ensino de habilidades de vida na escola: uma experiência com adolescentes. **Psicologia em Estudo**, v. 11, p. 561-568, 2006.

MOHAMMAD YUSEF, Bahareh; SHARIFI DARAMADI, Parviz; AGHAIE, Hakime. The effect of body language and social skills training on social adjustment of students with visual impairment. **Quarterly Journal of Child Mental Health**, v. 5, n. 2, p. 59-71, 2018.

MORCELLI, Rodrigo Dias; SEABRA, Rodrigo Duarte. Inclusão digital e deficiência visual: Análise do uso de ferramentas de comunicação pela internet. **Informática na educação: teoria & prática**, v. 17, n. 1, 2014.

MORGADO, F. F. R. *et al.* Implicações da cegueira congênita na imagem corporal: uma revisão integrativa. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, 2019.

MORGADO, F. F. R.; CAMPANA, A. N. N. B; TAVARES, M. C. G. C. F. Aplicabilidade do grupo focal com pessoas cegas. **Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 52, p. 5-13, 2012.

MORGADO, Fabiane Frota da Rocha *et al.* Representações sociais sobre a deficiência: perspectivas de alunos de Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 23, p. 245-260, 2017.

MORGADO, Fabiane Frota da Rocha; CAMPANA, Angela Nogueira Neves Betanho; TAVARES, Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes. Development and validation of the self-acceptance scale for persons with early blindness: the SAS-EB. **PloS One**, v. 9, n. 9, p. e106848, 2014.

MORGADO, Fabiane Frota da Rocha; FERREIRA, Maria Elisa Caputo. Sociedade pós-moderna, imagem corporal e deficiente visual: algumas considerações. **Benjamin Constant**, n. 42, 2009.

MORGAN, D. L. Focus Groups. **Annu. Rev. Sociol.**, v. 22, p. 129-152, 1996.

MOSTAFA, E.S.M. *et al.* Media influence and body satisfaction among adolescent females, Minia, Egypt. **Journal of Public Health**, v. 26, n. 6, p. 625-630, 2018.

MÜLLER, Fernanda; MONASTERIO, Leonardo Monteiro; DUTRA, Cristian Pedro Rubini. “Por que tão longe?”. Mobilidade de crianças e estrutura urbana no Distrito Federal. **Cadernos Metr pole**, v. 20, p. 577-598, 2018.

MYERS, Taryn A. *et al.* The impact of appearance-focused social comparisons on body image disturbance in the naturalistic environment: The roles of thin-ideal internalization and feminist beliefs. **Body Image**, v. 9, n. 3, p. 342-351, 2012.

NETO, Renato Luis do Couto *et al.* Benjamin Constant: biografia e explica o histórica. **Revista estudos históricos**, v. 10, n. 19, p. 67-82, 1997.

NEVES, A. N.; MORGADO, F. F. R.; TAVARES, M. C. G. C. F. Avalia o da Imagem Corporal: notas essenciais para uma boa prática de pesquisa. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 31, p. 375-380, 2015.

NEVES, Clara Mockdece *et al.* Preocupações e comportamentos relacionados à aparência física na infância: uma abordagem qualitativa. **Psicologia em Estudo**, v. 23, p. 1-16, 2018.

NOWICKI, Genevieve P. *et al.* Body image and associated factors among sexual minority men: A systematic review. **Body Image**, v. 43, p. 154-169, 2022.

NUNES, Sylvia; LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. O aluno cego: preconceitos e potencialidades. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, p. 55-64, 2010.

OLIVEIRA, Pedro Leopoldo de *et al.* Insatisfação, checagem corporal e comportamentos de risco para transtornos alimentares em estudantes de cursos da saúde. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 66, p. 216-220, 2017.

OLIVER, Wendy. Body image in the dance class. **Journal of Physical Education, Recreation & Dance**, v. 79, n. 5, p. 18-41, 2008.

OPARA, Ijeoma; SANTOS, Noemy. A conceptual framework exploring social media, eating disorders, and body dissatisfaction among Latina adolescents. **Hispanic journal of behavioral sciences**, v. 41, n. 3, p. 363-377, 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada pela Assembléia Geral da ONU em dezembro de 2006. Disponível em < <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/acessibilidade-digital/convencao-direitos-pessoas-deficiencia-comentada.pdf> >. Acesso em 8 dez. 2022.

PAPADOPOULOS, Konstantinos *et al.* Social support, social networks, and happiness of individuals with visual impairments. **Rehabilitation Counseling Bulletin**, v. 58, n. 4, p. 240-249, 2015.

PAPAGEORGIU, Alana; FISHER, Colleen; CROSS, Donna. “Why don’t I look like her?” How adolescent girls view social media and its connection to body image. **BMC women's health**, v. 22, n. 1, p. 1-13, 2022.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Rio Grande do Sul: Artmed, 2013.

PARK, Sun Young; BAEK, Young Min. Two faces of social comparison on Facebook: The interplay between social comparison orientation, emotions, and psychological well-being. **Computers in Human Behavior**, v. 79, p. 83-93, 2018.

PAXTON, Susan J.; MCLEAN, Siân A.; RODGERS, Rachel F. “My critical filter buffers your app filter”: Social media literacy as a protective factor for body image. **Body Image**, v. 40, p. 158-164, 2022.

PELICIONI, Maria Cecilia Focesi et al. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 35, p. 115-121, 2001.

PEREIRA, Camila de Souza; CIA, Fabiana; BARHAM, Elizabeth Joan. Autoconceito, habilidades sociais, problemas de comportamento e desempenho acadêmico na puberdade: Inter-relações e diferenças entre sexos. **Interação psicol**, p. 203-213, 2008.

PERLOFF, Richard M. Social media effects on young women’s body image concerns: Theoretical perspectives and an agenda for research. **Sex roles**, v. 71, n. 11, p. 363-377, 2014.

PIERCE, Jeanne Walsh; WARDLE, Jane. Body Size, Parental Appraisal, and Self-Esteem in Blind Children. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 37, n. 2, p. 205-212, 1996.

PINQUART, Martin; PFEIFFER, Jens P. Body image in adolescents with and without visual impairment. **British Journal of Visual Impairment**, v. 30, n. 3, p. 122-131, 2012.

PIOVESAN, Sandra Dutra; WAGNER, Rosana; RODRIGUES, Lisete. Acessibilidade em redes sociais: em busca da inclusão digital no Facebook. **Informática na educação: teoria & prática**, v. 16, n. 2, 2013.

POTTER, W. James. Analysis of definitions of media literacy. **Journal of Media Literacy Education**, v. 14, n. 2, p. 27-43, 2022.

PRIMACK, Brian A. *et al.* Development and validation of a smoking media literacy scale for adolescents. **Archives of pediatrics & adolescent medicine**, v. 160, n. 4, p. 369-374, 2006.

PRYDE, Samantha; PRICHARD, Ivanka. TikTok on the clock but the# fitspo don't stop: The impact of TikTok fitspiration videos on women's body image concerns. **Body image**, v. 43, p. 244-252, 2022.

QUINTANILHA, Augusta *et al.* Imagem corporal de adolescentes com deficiência visual: uma revisão sistemática de estudos sobre o tema. **Educação: Teoria e Prática**, v. 31, n. 64, p. e20, 2021.

ROBERTS, Savannah R. *et al.* Incorporating social media and muscular ideal internalization into the tripartite influence model of body image: Towards a modern understanding of adolescent girls' body dissatisfaction. **Body image**, v. 41, p. 239-247, 2022.

RODGERS, Rachel F. *et al.* # Bopo: Enhancing body image through body positive social media-evidence to date and research directions. **Body Image**, v. 41, p. 367-374, 2022.

RODGERS, Rachel F.; MCLEAN, Siân A.; PAXTON, Susan J. When seeing is not believing: An examination of the mechanisms accounting for the protective effect of media literacy on body image. **Sex Roles**, v. 81, n. 1, p. 87-96, 2019.

RODGERS, Rachel F.; ROUSSEAU, Ann. Social media and body image: Modulating effects of social identities and user characteristics. **Body Image**, v. 41, p. 284-291, 2022.

ROSA, Cleyton Luiz da Silva; BRAIDA, Frederico. A mobilidade das pessoas com deficiência visual na cidade: potencialidades e impedências. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, v. 8, n. 64, 2020.

ROSS, Paulo Ricardo; DA SILVA, Paulo Vinicius Tosin. O senso de pertencimento de deficientes visuais em relação aos pisos táteis. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 8, n. 1, p. 161-179, 2013.

ROUSSEAU, A. Adolescents' selfie-activities and idealized online self-presentation: An application of the sociocultural model. **Body Image**, v. 36, p. 16-26, 2021

ROUSSEAU, Ann; EGGERMONT, Steven. Media ideals and early adolescents' body image: Selective avoidance or selective exposure? **Body Image**, v. 26, p. 50-59, 2018.

RUKAVINA, P. B.; LI, Weidong. School physical activity interventions: do not forget about obesity bias. **Obesity Reviews**, v. 9, n. 1, p. 67-75, 2008.



SADAGHEYANI, Hassan Ebrahimipour; TATARI, Farin. Investigating the role of social media on mental health. **Mental Health and Social Inclusion**, v. 25, n. 1, p. 41-51, 2021.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. [S.l.]: Iluminuras, 2020.

SANTOS, E. Educação on-line para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA, 10., Braga. **Anais [...]**. Braga: Universidade do Minho, 2009.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SCHAEFER, Lauren M. et al. A test of the tripartite influence model of disordered eating among men. **Body Image**, v. 36, p. 172-179, 2021.

SCHAEFER, Mallery K.; SALAFIA, Elizabeth H. Blodgett. The connection of teasing by parents, siblings, and peers with girls' body dissatisfaction and boys' drive for muscularity: The role of social comparison as a mediator. **Eating behaviors**, v. 15, n. 4, p. 599-608, 2014.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo**: As energias construtivas da psique. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SCHIPPER, Tessa; LIEBERMAN, Lauren J.; MOODY, Brigitte. “Kids like me, we go lightly on the head”: Experiences of children with a visual impairment on the physical self-concept. **British Journal of Visual Impairment**, v. 35, n. 1, p. 55-68, 2017.

SCHMIDEK, Helena Cristina Medeiros Vieira; SCHMIDEK, Werner Robert; PEDRÃO, Luiz Jorge. A vivência da corporeidade por pessoas com deficiência visual por meio da Biodanza. **Rev. enferm. UERJ**, p. e39714-e39714, 2019.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, p. 107-115, 2003.

SCHUBRING, Astrid; BERGENTOFT, Heléne; BARKER, Dean. Teaching on body ideals in physical education: a lesson study in Swedish upper secondary school. **Curriculum Studies in Health and Physical Education**, v. 12, n. 3, p. 232-250, 2021.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; AMORIM, Katia de Souza. " Em meu gesto existe o teu gesto": corporeidade na inclusão de crianças deficientes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 23, p. 261-269, 2010.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antonio dos. Psicologia positiva e os instrumentos de avaliação no contexto brasileiro. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 23, p. 440-448, 2010.

SEEKIS, Veya; KENNEDY, Richelle. The impact of# beauty and# self-compassion tiktok videos on young women's appearance shame and anxiety, self-compassion, mood, and comparison processes. **Body Image**, v. 45, p. 117-125, 2023.

SEEKIS, Veya; LAWRENCE, Rebecca K. How exposure to body neutrality content on TikTok affects young women's body image and mood. **Body Image**, v. 47, p. 101629, 2023.

SEMENZA, C.; FAIRBURN, C. A new ecologically valid method to assess body size estimation and body size dissatisfaction. **International Journal of Eating Disorder**, v. 32, p. 458- 65, 2002.

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: teoria e Pesquisa**, v. 28, p. 101-108, 2012.

SHARP, Gemma; GERRARD, Ysabel. The body image "problem" on social media: Novel directions for the field. **Body Image**, v. 41, p. 267-271, 2022.

SHROFF, Hemal; THOMPSON, J. Kevin. Peer influences, body-image dissatisfaction, eating dysfunction and self-esteem in adolescent girls. **Journal of health psychology**, v. 11, n. 4, p. 533-551, 2006.

SILVA, Igor Araujo; DA ROCHA MORGADO, Fabiane Frota. Media Literacy e Imagem Corporal: uma Revisão Integrativa. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 24, n. 1, p. 148-157, 2023.

SILVA, Maria Clara Costa; WINCKLER, Ciro. A Educação Física como meio de inclusão social e acesso ao esporte paralímpico em jovens com deficiência visual. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, v. 23, n. 1, p. 131-144, 2022.

SMITH, Harriet G. et al. The Body Esteem Scale for Adults and Adolescents: Translation, adaptation and psychometric validation among Brazilian adolescents. **Body Image**, v. 42, p. 213-221, 2022.

SOARES, Felipe Alves *et al.* A contribuição da estimulação psicomotora para o processo de independência do deficiente visual. **Motricidade**, v. 8, n. 4, p. 16-25, 2012.

SÖDERSTRÖM, Sylvia; YTTERHUS, Borgunn. The use and non-use of assistive technologies from the world of information and communication technology by visually impaired young people: a walk on the tightrope of peer inclusion. **Disability & Society**, v. 25, n. 3, p. 303-315, 2010.

SUNDGOT-BORGEN, Christine *et al.* The Norwegian healthy body image programme: study protocol for a randomized controlled school-based intervention to promote positive body image and prevent disordered eating among Norwegian high school students. **BMC psychology**, v. 6, n. 1, p. 1-9, 2018.

TAVARES, M. C. G. C. F. *et al.* Avaliação perceptiva da imagem corporal: história, reconceituação e perspectivas para o Brasil. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 3, p. 509-518, set. 2010.

TAVARES, M.C.G.C.F. **Imagem corporal: conceito e desenvolvimento**. Barueri: Editora Manole Ltda., 2003.

TAYLOR, David G. Putting the “self” in selfies: how narcissism, envy and self-promotion motivate sharing of travel photos through social media. **Journal of Travel & Tourism Marketing**, v. 37, n. 1, p. 64-77, 2020.

THOMPSON, J. Kevin *et al.* Exacting beauty: Theory, assessment, and treatment of body image disturbance. **American Psychological Association**, 1999.

THOMPSON, J. Kevin; COOVERT, Michael D.; STORMER, Susan M. Body image, social comparison, and eating disturbance: A covariance structure modeling investigation. **International Journal of Eating Disorders**, v. 26, n. 1, p. 43-51, 1999.

THOMPSON, J. Kevin; STICE, Eric. Thin-ideal internalization: Mounting evidence for a new risk factor for body-image disturbance and eating pathology. **Current directions in psychological science**, v. 10, n. 5, p. 181-183, 2001.

THORISDOTTIR, Ingibjorg Eva et al. Active and passive social media use and symptoms of anxiety and depressed mood among Icelandic adolescents. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, v. 22, n. 8, p. 535-542, 2019.

TIGGEMANN, Marika. Digital modification and body image on social media: Disclaimer labels, captions, hashtags, and comments. **Body Image**, v. 41, p. 172-180, 2022.

TOFFOLETTI, Kim; THORPE, Holly. Bodies, gender, and digital affect in fitspiration media. **Feminist Media Studies**, v. 21, n. 5, p. 822-839, 2021.

TYLKA, T. L. Positive Psychology Perspectives on Body Image. **Encyclopedia of Body Image and Human Appearance**, v. 2, p. 657-663. 2012.

TYLKA, Tracy L.; HOMAN, Kristin J. Exercise motives and positive body image in physically active college women and men: Exploring an expanded acceptance model of intuitive eating. **Body Image**, v. 15, p. 90-97, 2015.

ULLRICH-FRENCH, Sarah; COX, Anne E. A negative body image contextualization of the self-compassion scale. **Body Image**, v. 42, p. 447-455, 2022.

VAHEDI, Zahra; SIBALIS, Annabel; SUTHERLAND, Jessica E. Are media literacy interventions effective at changing attitudes and intentions towards risky health behaviors in adolescents? A meta-analytic review. **Journal of adolescence**, v. 67, p. 140-152, 2018.

VARGAS RUBILAR, Jael Alejandra. Percepción de clima social familiar y actitudes ante situaciones de agravio en la adolescencia tardía. **Interdisciplinaria**, v. 26, n. 2, p. 289-316, 2009.

VEAS, Alejandro *et al.* Actitudes en la adolescencia inicial y rendimiento académico: el rol mediacional del autoconcepto académico. **Revista de Psicodidáctica**, v. 24, n. 1, p. 71-77, 2019.

VENDEMIA, Megan A.; DEANDREA, David C.; BRATHWAITE, Kyla N. Objectifying the body positive movement: The effects of sexualizing and digitally modifying body-positive images on Instagram. **Body Image**, v. 38, p. 137-147, 2021.

VENDEMIA, Megan A.; ROBINSON, Melissa J. Promoting body positivity through stories: How protagonist body size and esteem influence readers' self-concepts. **Body Image**, v. 42, p. 315-326, 2022.

VERAS, Aimorá L. Laus. Desenvolvimento e construção da imagem corporal na atualidade: um olhar cognitivo-comportamental. **Revista brasileira de terapias cognitivas**, v. 6, n. 2, p. 94-117, 2010.

VIGÁRIO, Patricia dos Santos *et al.* Dissimilaridade entre o estado de humor, humor deprimido e qualidade de vida em atletas com deficiência visual. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 19, n. 2, p. 147-159, 2019.

WHO. **Draft action plan for the prevention of avoidable blindness and visual impairment 2014-2019**. Universal eye health: a global action plan 2014-2019. Geneva: World Health Organization, 2019.

WOOD-BARCALOW, Nichole L.; TYLKA, Tracy L.; AUGUSTUS-HORVATH, Casey L. "But I like my body": Positive body image characteristics and a holistic model for young-adult women. **Body Image**, v. 7, n. 2, p. 106-116, 2010.

YAGER, Zali *et al.* What works in secondary schools? A systematic review of classroom-based body image programs. **Body Image**, v. 10, n. 3, p. 271-281, 2013.

YAGER, Zali; MCLEAN, Siân A.; LI, Xia. Body image outcomes in a replication of the ATLAS program in Australia. **Psychology of Men & Masculinities**, v. 20, n. 3, p. 418, 2019.

ZELIHIĆ, Deniz *et al.* Reducing social anxiety in adolescents distressed by a visible difference: Results from a randomised control trial of a web-based intervention. **Body Image**, v. 40, p. 295-309, 2022.

ZUCHELLI, Fabio *et al.* Experiential avoidance and cognitive fusion mediate the relationship between body evaluation and unhelpful body image coping strategies in individuals with visible differences. **Body Image**, v. 32, p. 121-127, 2020.



## APÊNDICES

### Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado (a) Responsável,

O adolescente está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “Imagem Corporal de Adolescentes Escolares com Deficiência Visual: Em Discussão, Fatores Protetivos Relacionados à Mídia”, vinculada à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, sob a responsabilidade da pesquisadora Fabiane Frota da Rocha Morgado.

**JUSTIFICATIVA:** A mídia, pais e pares compõem a principal tríade de fatores socioculturais influenciadores da Imagem Corporal. Atualmente, existem poucas pesquisas relacionadas com o impacto das mensagens provindas da mídia para o adolescente com deficiência visual. Este estudo pretende dar voz ao adolescente e suas inquietações relacionadas com a mídia e imagem corporal.

**OBJETIVOS:** Identificar fatores protetivos relacionados à *media literacy* na percepção da imagem corporal de adolescentes escolares com deficiência visual; Contextualizar e dialogar sobre o impacto das informações midiáticas na imagem corporal; Identificar quais mídias são mais acessadas; Conhecer aspectos de comportamentos, pensamentos e sentimentos relacionados com as informações das mídias; Conhecer o significado das palavras corpo e mídia pelos participantes; Observar a relação da Educação Física Escolar e a Imagem Corporal.

**PROCEDIMENTO DA PESQUISA:** O adolescente está sendo convidado a participar desta pesquisa, caso assine e concorde com estes termos de compromisso. A pesquisa constará de grupos focais pessoas que falarão sobre o acesso as mensagens das mídias, imagem corporal e Educação Física Escolar.

Durante as sessões com os grupos focais, ocorrerá gravação de vídeo e áudio.

**DESCONFORTO E POSSÍVEIS RISCOS ASSOCIADOS À PESQUISA:** Esta pesquisa não possui um caráter invasivo e por isso possui riscos mínimos em sua participação. Esta pesquisa poderá acarretar em algum desconforto físico ou emocional. O adolescente poderá deixar de responder qualquer questão que possa lhe trazer incômodo.

**BENEFÍCIOS DA PESQUISA:** A participação do adolescente contribuirá para um avanço nas pesquisas em imagem corporal e deficiência visual, pois os pesquisadores poderão elaborar de forma mais eficaz estratégias de *Media Literacy* com o intuito de diminuir o impacto das mensagens da mídia na imagem corporal do adolescente.

Contatos para obter maiores informações sobre a pesquisa:

Pesquisador responsável:

Fabiane Frota da Rocha Morgado -

fabi.frm@hotmail.com Igor Araujo da Silva -

igor.araujos@hotmail.com

Endereço: Instituto de Educação. BR-465, Km 7, Seropédica- Rio de Janeiro. CEP: 23.897-000.

Após a leitura do presente Termo e estando de posse de minha plenitude mental e legal, declaro expressamente que entendi o propósito do referido estudo e, estando em perfeitas condições de participação, dou meu consentimento para participar livremente do mesmo.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_ .

\_\_\_\_\_  
(Nome completo e legível do participante)

\_\_\_\_\_ (Assinatura do responsável)

Pesquisador (a) Orientador(a):

Prof.ª Dr.ª Fabiane Frota da Rocha Morgado  
Professor Adjunto DEFD/UFRJ  
SIAPE: 22001-05

*Fabiane F. do Rocha Morgado*

Discente

Pesquisador: \_\_\_\_\_

*Igor Araujo da Silva*



## Apêndice B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Imagem Corporal de Adolescentes Escolares com Deficiência Visual: Em Discussão, Fatores Protetivos Relacionados à Mídia”, coordenada pelos pesquisadores **Igor Araujo da Silva e Fabiane Frota da Rocha Morgado**. Seus pais permitiram que você participe. Queremos saber como você lida com as mensagens das mídias em relação à sua imagem corporal. Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. A pesquisa será feita através de um bate papo em grupo. Para isso, será usada uma câmera e um microfone para a gravação. Caso ocorra algum desconforto durante o grupo, você pode nos sinalizar. Você pode nos procurar pelo telefone **02198387-7162**. Há coisas boas que podem acontecer como a compreensão de como você adolescente lida com as mensagens expressadas pela mídia e elaboração de futuras formas protetivas em relação ao impacto dessas mensagens. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados na dissertação de mestrado e artigo científico, mas sem identificar os adolescentes que participaram. Sendo assim, eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa “*Media literacy* e imagem corporal: com a voz, adolescentes escolares do com deficiência visual”. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar com raiva de mim. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma via deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Contatos para obter maiores informações sobre a pesquisa:

Pesquisador responsável:

Fabiane Frota da Rocha Morgado -

fabi.frm@hotmail.com Igor Araujo da Silva –

igor.araujos@hotmail.com

Endereço: Instituto de Educação. BR-465, Km 7, Seropédica- Rio de Janeiro.

**CEP: 23.897-000.**

Após a leitura do presente Termo e estando de posse de minha plenitude mental e legal, declaro expressamente que entendi o propósito do referido estudo e, estando em perfeitas condições de participação, dou meu consentimento para participar livremente do mesmo.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

Assinaturas:

Prof.ª Dr.ª Fabiane Frota da Rocha Morgado  
Professor Adjunto (DEFD/UFRRJ)  
SIAPE: 22001-05

Pesquisador (a) Orientador(a):

*Fabiane F. de Rocha Morgado*

Discente Pesquisador:

*Ignor Assunção da Silva*

Participante da pesquisa: \_\_\_\_\_

## **Apêndice C – GUIA DO MODERADOR**

### **MODERADORES:**

Igor Araujo da Silva;

Prof.<sup>a</sup> Dra. Fabiane Frota da Rocha Morgado.

**GRUPO:** Serão realizados grupos focais com adolescentes com deficiência visual

**OBJETIVO:** Identificar fatores protetivos associados à imagem corporal de adolescentes escolares deficiência visual, com foco nas mensagens midiáticas de corpo.

### **MATERIAIS:**

Notebook;

Microfone

**DURAÇÃO:** As sessões terão a duração média de 90 minutos.

### **ESTRUTURA:**

Introdução;

Parte principal;

Sessão detalhada;

Parte chave;

Sumário.

### **SUJEITOS:**

Os grupos focais serão compostos de 40 adolescentes do Ensino Médio com deficiência visual, englobando tanto cegueira quanto baixa visão, divididos em três grupos.

### **ESTÍMULOS EXTERNOS:**

Na parte principal do grupo focal os alunos/as serão expostos a apresentações sobre a temática das mídias e imagem corporal.

### **INTRODUÇÃO**

A câmera e o gravador nesse momento precisam estar ligados.

Apresentação dos moderadores.

Falar brevemente sobre o estudo e o grupo focal.

Leitura do TALE e a confirmação do voluntariado de todos os participantes.

Apresentação dos participantes com breves informações, como: período, idade e de onde é.

## **PARTE PRINCIPAL**

Quando a gente reflete sobre o nosso corpo sempre vem algo em nossa mente. Para iniciar nossa discussão no grupo de hoje, gostaria que vocês pensassem e avaliassem por alguns minutinhos sobre o corpo de vocês (oferecer alguns minutos para reflexão). Agora, gostaria de lhes propor um desafio. Gostaria que, em três palavras, vocês falassem o que lhes vem à mente quando pensam no próprio corpo e na própria aparência corporal. Vamos agora fazer a leitura dessas palavras e explicar por que as escreveu?

Deixa eu contar uma coisa pra vocês... Há uns meses atrás, eu estava vendo o Instagram e me deparei com uma situação em um garoto estava reclamando que quando era pequeno, ele tinha uns bonecos de brinquedo e ele se sentia estranho porque o corpo dele não era musculoso igual o corpo dos bonecos. Depois de um tempo ele disse que começou a ir na academia fazer exercícios para tentar ficar com o corpo igual o corpo dos bonecos. Pois, então, gostaria de conversar com vocês sobre isso. O que vocês acham dessa situação?

## **SESSÃO DETALHADA**

Sobre o exemplo anterior, eu mencionei que vi o caso do menino no Instagram, uma mídia digital muito comum na contemporaneidade. E em relação à mídia? Gostaria que vocês também pensassem em três palavra que lhes vem à mente quando vocês ouvem esse termo mídia. (repetir dinâmica anterior)

Uma vez eu ouvi um menino da idade de vocês falando que a mídia estava influenciando a forma como ele representa o corpo dele. Vocês acham que isso acontece? O que será que ele quis dizer?

E essa situação que aconteceu com esse menino, já aconteceu com vocês?

Como vocês se sentiram quando isso aconteceu?

Então, pessoal. As vezes quando estamos diante de algumas situações que são desagradáveis para nós, adotamos algumas estratégias para contornar essas situações, é o que chamados de fatores protetivos, que podem ser pensamentos, conversas com os amigos, entre outros.

Quando esse incômodo em relação as mensagens midiáticas de corpo surge, o que vocês costumam fazer para amenizar esses efeitos?

O que vocês costumam pensar ou conversar?

Tem alguma outra coisa que vocês façam para se distrair desses incômodos?

Nesse contexto sobre o que conversamos até agora, vocês acham que é possível “filtrar” as mensagens recebidas pela mídia?

### **Educação Física Escolar**

Agora, eu queria que vocês pensassem nas aulas de Educação Física. Me conta. O que vocês acham das aulas?

Algum professor de educação física já conversou com vocês sobre corpo e a representação mental que vocês possuem sobre esse? Se sim, como foi?

Será que o corpo e as mensagens midiáticas poderiam ser um tema da aula de Educação física?

### **PARTE-CHAVE:**

*“Gostaríamos de saber o que vocês acharam do tema proposto, das perguntas que foram feitas, como vocês pensam, sentem e agem em relação a mídia e imagem corporal?”*

### **SUMÁRIO/FINALIZAÇÃO:**

*“Vocês podem nesse momento falar suas opiniões sobre tudo o que foi dito.*

*Pontos que vocês concordam, discordam ou que querem apenas relembrar.”*

*“Vocês gostariam de relatar algo de que se esqueceu durante o diálogo e que você tenha se lembrado agora? Alguma experiência pessoal que gostariam de compartilhar?”*

*“Gostaria de agradecer imensamente a presença de todos que aqui estão e espero que tenham a ciência que suas opiniões e falas são de suma importância para meu trabalho. Obrigado!!”*

**Apêndice D – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**

Qual o seu nome? \_\_\_\_\_

Quantos anos você tem? \_\_\_\_\_

Onde você mora? \_\_\_\_\_

Com quem você mora? \_\_\_\_\_

Qual o tipo de deficiência visual: ( ) Cegueira congênita ( ) Cegueira adquirida ( ) Baixa visão

Você sabe ler em Braille? ( ) Sim ( ) Não ( ) Estou aprendendo

Você tem acesso à internet? ( ) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

Você tem algum dispositivo para entrar na internet (por exemplo: celular, tablet, computador)? ( ) Sim ( ) Não

Qual? \_\_\_\_\_

O que vocês gostam de fazer online?

\_\_\_\_\_

Vocês possuem redes sociais? Quais?

\_\_\_\_\_

Você gosta das aulas de Educação Física? ( ) Sim ( ) Não

Por quê? \_\_\_\_\_

## ANEXOS

## Anexo A – Protocolo do Comitê de Ética



COLÉGIO PEDRO II



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** MEDIA LITERACY E IMAGEM CORPORAL: COM A VOZ, ADOLESCENTES ESCOLARES DO ENSINO MÉDIO COM DEFICIÊNCIA VISUAL

**Pesquisador:** IGOR ARAUJO DA SILVA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 64344522.9.0000.9047

**Instituição Proponente:** Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 5.884.837

**Apresentação do Projeto:****APRESENTAÇÃO DO PROJETO:**

As informações colocadas nos campos denominados "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do documento intitulado

PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2027641.pdf (submetido na Plataforma Brasil em 10/10/2022)

**INTRODUÇÃO:**

O termo deficiência, por muito tempo, esteve dentro da concepção da medicina, sendo diretamente relacionado com doenças (FONSECA, 2012). Devido a esse modelo médico, por muito tempo houve a resistência por parte da sociedade em incluir pessoas com deficiências, impossibilitando o desenvolvimento do indivíduo como cidadão e essa exclusão ocorria de forma integral, caracterizando as pessoas como incapazes (SASSAKI, 1997). Para além do modelo médico da deficiência, uma concepção mais abrangente foi adotada pelo Brasil após a finalização do texto da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, proposta pela Organização das Nações Unidas – ONU. A compreensão da deficiência passou a estar mais inserida

**Endereço:** Campo de São Cristóvão 177

**Bairro:** São Cristóvão

**CEP:** 20.921-903

**UF:** RJ

**Município:** RIO DE JANEIRO

**Telefone:** (21)2163-5730

**E-mail:** cep@cp2.g12.br

**SITUAÇÃO DO PARECER:**

APROVADO

**NECESSITA APRECIÇÃO DA CONEP:**

NÃO

RIO DE JANEIRO, 09 DE FEVEREIRO DE 2023

---

**ASSINADO POR: ROGERIO MENDES DE LIMA**  
**(COORDENADOR(A))**



## Anexo B – Permissão para pesquisa na instituição



**Ministério da Educação**  
**Instituto Benjamin Constant**  
**DIVISÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

### AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISAR

Comunicamos que **Igor Araujo da Silva** está autorizado(a) a desenvolver a pesquisa intitulada “**Media Literacy e Imagem Corporal: com a Voz, Adolescentes Escolares do Ensino Médio com Deficiência Visual**”, a ser realizada na **Coordenação de Educação Técnica e Tecnológica**, da **Divisão de Ensino** do **Departamento de Educação** do Instituto Benjamin Constant, no período de **13/03/2023 a 13/03/2024**, podendo haver prorrogação deste prazo mediante solicitação do pesquisador.

Cabe à **Coordenação de Assessoramento Pedagógico e Administrativo (CAPA)**, representada pelas servidoras **Luciana Maria Santos de Arruda** ([lucianamariaarruda@ibc.gov.br](mailto:lucianamariaarruda@ibc.gov.br)), **Mariana de Oliveira Martins Domingues** ([mariana.domingues@ibc.gov.br](mailto:mariana.domingues@ibc.gov.br)) e **Morgana Ribeiro dos Santos** ([morganaribeirodosantos@ibc.gov.br](mailto:morganaribeirodosantos@ibc.gov.br)) receber e acompanhar o pesquisador no setor, especificar o local no qual a pesquisa poderá ser realizada, bem como agendar os dias e horários possíveis para tal.

Rio de Janeiro, 10 de março de 2023.

**Rodrigo Agrellos Costa**  
**Matrícula SIAPE 2040728**  
**Supervisor da Divisão de Pós-Graduação e Pesquisa/DPPE/IBC**  
**PORTARIA IBC Nº 95, DE 15 DE FEVEREIRO DE 2023**

Instituto Benjamin Constant

Av. Pasteur, 350/368

Urca, Rio de Janeiro – RJ. CEP: 22290-240

Tel.: (21) 3478-4458 / email: [cepeq@ibc.gov.br](mailto:cepeq@ibc.gov.br)

[www.ibc.gov.br](http://www.ibc.gov.br)